

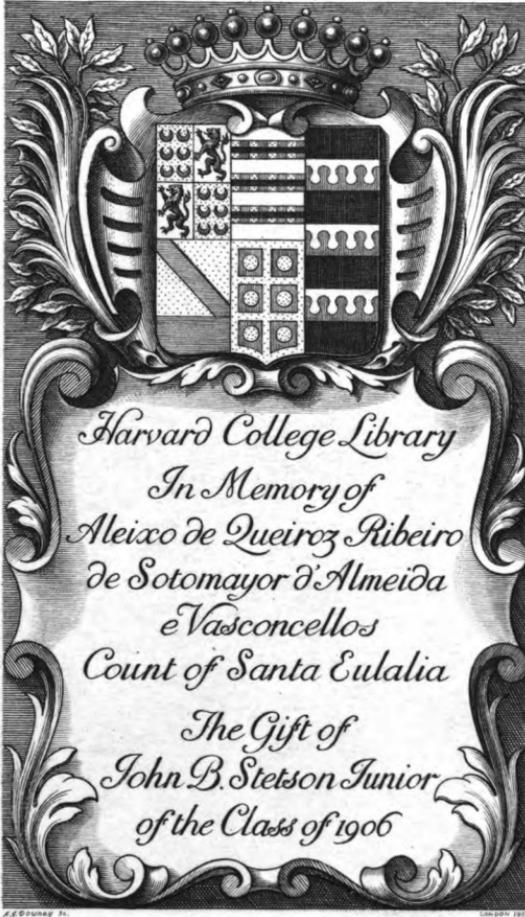
Port
5998
50.305

WIDENER

HN ZJ8I Y



Port 5998.50.305



3

COBA

ou

O Triumpbo da Natureza.

TRAGEDIA

ESCRITA ORIGINALMENTE EM PORTUGUEZ

POR

VICENTE PEDRO NOLASCO DA CUNHA.

IMPRESSA EM LONDRES EM 1809.

SEGUNDA EDIÇÃO

Mais correcta e emendada pelo A.

1839.

LISEOA.

Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

Rua Nova do Carmo N.º 39 D.

Port 5998.50,305
✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION

GIFT OF
JOHN B. STETSON, JR.

9 DEC 1924

INTERLOCUTORES.

Ataliba, Inca, ou rei do Perú.

Palmor, principe de sangue, e pae de

Cora, virgem do Sol.

Amazile, sua confidente.

Las Casas, dominico hespanhol.

Alonso de Molina, fidalgo hespanhol.

Pontifice do Sol.

Sequito, e soldados indios.

A Scena he em Quito, capital do Perú.

TRIUMPHO DA NATUREZA.

ACTO I.

SCENA I.

Atrio do templo do Sol. Sahem d'elle Ataliba e Palmor, precedidos, ao som de musica luctuosa do solemne cortejo, que assistio á celebração das exequias, e acompanha as cinzas do morto, cuja urna deve estar presente.

ATALIBA { *Depois de alguns momentos de silencio.*

OH! Numen deste imperio! oh! venerando
Pai de huma illustre, e misera familia,
Vida, e Luz do Universo, astro brilhante,
Sol, tuas graças sobre nós derrama.
Tu nos dictaste a Lei, suste-la deves.
Deste povo que he teu, protege a causa.
Longe affasta de nós malignas sombras
Que este sancto hemispherio enoitecerão
De victimas assás foi derramado
O sangue em tuas aras! Montezuma
E seos vastos dominios são ja cinzas.
Do Mexico infeliz só resta o nome.
D'outro Ceo, de outro mundo ao nosso adverso
Sem duvida mandou para extinguir-nos
Hum Deus terrivel seu medonho raio.

Seu clarão fuzilando em nossos climas
 Ao seio do Perú ja trouxe os sustos.
 Assás nos tem turbado internas lides
 E a paz inda talvez de nós se alonga.
 Eis os fructos, Huascar, d'ambição fera,
 Que teos crimes brotou, e os meos dezastres.
 Barbaro irmão! Que exemplo detestavel!
 Teu odio combati; vencer-te pude,
 Os grilhões, que me déste, a ti passarão,
 Mas quanto me he pezado este triumpho!

Oh cinzas de Zorai! miseró filho!
 Das perdas que hei soffrido a mais terrivel,
 Eu vos offerto ao Deus, que aclara o mundo.
 Sol, que hoje vez meu lucto; acolhe a offrenda
 Da minha acerba dor, benigno acceita
 As cinzas de meu filho: ellas te applaquem.
 Mas se o sangue vertido inda não basta
 A teu justo furor, se inda nos pede
 O teu tremendo altar mais sacrificios,
 Que victimas prostar deve o meu braço
 Prompto declara; a obedecer-te eu corro.
 E tu da regia prole unico resto
 Que a sorte me deixou, doce conforto
 Dos infortunios meos; Palmor, serena
 De minha alma inquieta os sobresaltos.
 Temo que á expiação de nossos crimes
 Inda não baste de meu filho a morte.
 Que resta algum delicto sem castigo
 Do Deus que nos persegue as iras mostrão.

PALMOR.

Oh respeitavel Inca, unico apoio
 Desta familia, que do Sol descende,
 No que acabas de expor divizo as sombras
 De hum lucto assustador, mas não me atterro.
 Os votos que te arranca hum filho extincto,
 O excesso, com que os crimes te horrorizão
 De tua alma a pureza assás descobrem
 E grata aos Ceos tua conducta ostentão.
 Submisso a nossas leis, e aos nossos Deuses
 Vejo de mais a mais todo este povos.
 Bem sei que o fero Huascar rompendo os laços

Da fraterna união, conseguir poude
 A pureza manchar de nossos climas
 Mostrando-lhe do crime o aspecto hediondo.
 Por elle forão com rebelde insulto
 Do Deus deste hemispherio as leis quebradas.
 Mas a sua infracção vingada creio.
 Huascar foi punido, e o povo salvo.
 Corrompe-lo não poude o feio exemplo
 Da negra rebeldia; infausto agouro
 Não devo pois tirar dos vãos temores
 Que o nosso fraco coração combatem.
 Se o Ceo pune só crimes, satisfeito
 Seu rancor estar deve; e se lhe agrada
 Sangue innocente, o sangue de teu filho
 Em suas aras fuma.

ATALIBA.

. Ah! que essa idéa
 Meos temores desperta; e da verdade
 N'hum veio mais tenebroso a luz me esconde.
 Mystérios profundar, com que o Ceo falla
 He dos fracos mortais vedado á mente.
 Confego-te, Palmor, que inda hoje mesmo
 O terror penetrou dentro em meu seio.
 Quando, á pouco, no templo presidia
 De meu filho ás exequias, no momento
 Em que aos Ceos offertava o sacrificio;
 Fitei o sanctuario. Eis de repente
 Se abriu aos olhos meos, do centro d'elle
 Veio este horrído accento a meos ouvidos.
 « Temerario Ataliba, enfrea a audacia.
 « Não insultes o Deus, que aqui se adora,
 « Seu altar, que não soffre hum culto impuro
 « Justamente indignado o teu regeita.»
 Ao pavoroso som desta ameaça
 Senti gelar-me o horror, cuidei ver sangue,
 Ver fogo sobre as aras; vi perplexo
 O summo sacerdote; as virgens todas
 Desm iadas de susto, e não vi Cora.
 Era a^asua presença indispensavel
 E devia assustar-me a falta d'ella.
 Porém suspeitas vãs não me halucinão.

Da filha de Palmor temer que posso?
 Cora, além de seos dons, e excelsa origem
 He das virgens do Sol preclaro exemplo.

PALMOR.

Cora, senhor, que, apenas veio ao mundo,
 A's aras destinei, foi, desde o berço,
 Educada nas maximas severas
 Do sacrosancto altar, conhece a força
 Da respeitavel lei, que sanctifica.
 Sente de seos deveres a importancia,
 E do voto, que fez, sabe a grandeza.
 Comtudo não ignoro, que hum momento
 De fraqueza, ou descuido, illudir pôde
 A mocidade incauta, e da virtude
 O edificio melhor lançar por terra.
 Tem sábia precaução, previsto zelo
 Dado ao sacro recinto erguidos muros
 Para abrigar o virginal decoro
 Dos perigos da illusão; porém não basta.
 Sacrificio mais nobre exige o templo.
 Meu zelo se esmerou sempre em servi-lo.
 Total renuncia ao mundo, ás glorias d'elle,
 Huma guerra perpétua a seos sentidos,
 Aos prestigios de amor prevenção rude,
 Tudo, enfim, que combate a natureza
 Sempre a Cora inspirei. Confio nella
 Nem posso acreditar — mas apressado
 Vejo vir o supremo sacerdote,
 Ah, pelo assombro, que no gesto indica,
 Parece vir dezastre annunciar-nos.

SCENA II.

PONTIFICE, e ditos.

Nobre filho do Sol, sublime herdeiro
 Da gloria dos heroes, teos ascendentes,
 Que a seu exemplo o imperio, as aras serves.
 De seu fiel ministro ouve os avizos

Que hoje te envia o Ceo. Com futeis preces
Desarmar seu furor debalde intentas
Se o sangue não correr, que ousa ultraja-lo.
Assim se explica o Deus, que aqui governa.
Seu templo augusto profanado existe.
O Sacrilegio alçando a fronte impura
(Oh crime horrendo! oh nunca ouvido insulto!)
Entre as virgens do Sol ousou mostrar-se.
Tremeu de horror o sacrosancto asilo,
E sombras cõr do abismo este ar toldando
Do medonho attentado annuncios forão.
Ah se dos golpes do eminente estrago
Nos pertendes salvar, se illudir queres
Da colera celeste os ameaços,
Não te demores, vem, castiga, fere,
Do Deus, que o raio accende, o raio imita,
Queima, consome a detestavel raça
Do sangue impuro, que os altares mancha.
Seu despojo execravel, torpes cinzas
Dispersas pelo vento a vil memoria
Deste escandalo atroz consigo levem.
Assim o dicta a lei, que da impureza
O castigo decreta. Ah corre, voa
A expiar a aggressão. Vingam os altares.
He da tiara, e sceptro a causa a mesma.
E he Deus sem templo o Deus, que não castiga.

ATALIBA.

Respeitavel ministro dos altares
Interprete do Ceo, tu me aclaraste
As vagas confusões, que me agitavão.
Sim, eu me curvo ás decisões celestes.
Comprehendo agora a serie inexplicavel
Dos prodigios fataes, que absorto via.
Sei dos Ceos a vontade; elle quer sangue
Porque jaz insultado em nossas aras.
Rasgou-se o denso veo, que me encobria
A nascente fatal dos meos terrores.
Mas qual das virgens immolar se deve?
Que familia extinguir-se hoje he preciso?
Declara-nos, ministro, a delinquente.
Seja qualquer que for sua ascendencia

Seu crime hade punir-se. Ao Sol o juro,
 Juro cumprir sua lei. Do atroz supplicio
 Não a póde livrar nem regio sangue.

PONTIFICE.

Do sancto ministerio, que exercito
 O sublime dever me chama ao templo.
 Corro a dispor o lugubre apparatto
 Que o sacrificio pede; e a divindade,
 Que hade aceita-lo, prevenir com preces;
 Depois de rematar o exame austero
 Do execrando attentado, e seos horrores
 Te enviarei o anathema, que aponta
 A victima que ao sol deve immolar-se,
 Cujas dispersas, fumegantes cinzas
 Hão de vingar o Ceo, e a paz trazer-nos. *(Vai-se).*

SCENA III.

Os ditos menos o Pontífice.

ATALIBA.

Vai, Palmor, do supremo sacerdote
 Os passos acompanha, e da sagrada
 Dextra recebe a sanguinosa lista,
 Que traz proscripta huma familia inteira.
 Sinto que he dura a lei, que assim castiga.
 Mas ás vozes do Ceo quem póde oppor-se?
 Submitter-se he preciso. Aos Ceos apraza,
 Que das nossas fatais calamidades
 Esta a ultima seja. *(Vai-se).*

SCENA IV.

PALMOR.

Oh Deuses tremo!
 Não sei que occulto horror me prende os passos

Que não posso avançar-me. O amor paterno
Faz meu sangue gelar. Piedosos Deuses,
Meos sustos dissipai, defendei Cora.

 SCENA V.

ALONZO só.

Ceos! que tumulto o coração me agita!
Doce illusão da mente onde me arrastas!
Ah de meu sonho se desfez o encanto!
Ancioso pela ver corro ante as aras
E Cora aos olhos meos, e a luz faltarão.
Depois de hum anno de ais, pranto, e suspiros
Era a minha esperança este momento.
Que receios crueis meu peito assaltão?
Tudo a tremer por ella me anticipa.
Quero saber sua sorte, e da incerteza
Temo rasgar o veo. — De quantos males,
Fera superstição, tens sido origem!
Tu levantaste essas fataes barreiras;
Nesse retiro eterno afferrolhaste
O objecto encantador dos meos cuidados.
Mas estou decidido. Alonzo e Cora
Não tem mais que hum destino. Entre-se o templo.
Ve-la, salva-la ou perecer me resta.

 SCENA VI.

O dito, e Las Casas.

LAS CASAS.

Alonzo, eu to predisse, eis o momento
Que tanto tem custado a meos temores,
Eis o funesto prazo, em que a ruina
Vai deste vasto imperio effectuar-se.
Tu claro defensor de hum povo docil,
Tu dos Indios o amigo, e seu apoio,

Que servir preferiste a humanidade
 A' causa d'ambição; tu não ignoras
 Quaes thégora tem sido os meos esforços
 Para os progressos suspender do crime.
 Dos Indios a defeza era o meu pleito.
 Mas justiça, e razão só são chimeras
 Em peitos que devora a sede de ouro;
 Por seu cruento influxo em breve espaço
 Foi degolada huma nação inteira,
 Hum vasto imperio reduzido a cinzas,
 Hum rei do trono expulso, e dado á morte.

Oh vergonha da Europa! oh patria nossa!
 Foi de seu seio, berço de taes crimes
 Que nós vimos sahir com sancto aspectu
 O genio da Cubiça, e tinto em sangue
 Sobre as azas da morte os Ceos cobrindo,
 Qual abutre voraz que a preza aferra,
 Esfaimado descer sobre estes climas,
 Derramar seu veneno, e seus pavores
 Des do antarctico gelo ás frias Ursas.
 Que podia eu fazer? Baldadas queixas,
 Hum esforço impotente, hum zelo inutil
 Pela causa innocente era o que eu tinha
 Para oppor á brutal voracidade
 Dos feros vencedores, tu sómente
 Comigo horrorizado a tantos males
 As bandeiras do crime abandonando
 Os Indios lastimaste, e os tens servido.
 Mas quaes serão desde hoje os nossos sustos
 Se o destruidor do Mexico prosegue
 Nas suas intenções? Pissarro volta
 Munido deve vir de authoridades,
 A que a sua ambição não põe limites.
 Mais altivo tornando a vez segunda,
 Já vez com que symptomas horrorosos
 Annunciar deve na chegada sua
 O trovão de Madrid ao novo mundo.

ALONZO.

Ah caro amigo, os males que persentes
 Como a ti de iguaes sombras me horrorisão;
 O destino dos Indios me enternece,

Por elles combati; riscos, pavores
Tudo tenho affrontado; e heide por elles,
Pela causa do justo, expor meos dias.
Taes forão sempre os nobres sentimentos
Que inspirar-me soubeste. Tu doido
Dos males que este imperio ameaçavão,
Apezar das fadigas, e dos annos
Ao seio do Perú vens procurar-me.
Vens comigo abraçar sua defeza
E a defeza de Alonzo. Sim, amigo,
Mais não devo occultar-to. De Ataliba
A cauza he tambem minha; estreitos laços
Nosso mutuo destino enterlaçarão.
Ouve os successos meos, e os meos dezastres.
Sabes como Ataliba pertendendo
De seu irmão pôr termo ás desavenças
Na minha intervenção esperançado
A Huascar me enviou. Com sacrificios
Que fez primeiro ao Sol, desta embaixada
Os auspicios buscou. Cuidando honrar-me
Ao lado seu me apresentou no templo,
Assisti á cerimonia. He necessario
Para os homens servir, servir seos erros.
Longe então de pensar, que a minha perda
Daquella occasião se origina-se;
Huma das virgens, que nas mãos trazia
O pão sagrado para o sacrificio
Vejo vir para nós. Oh Ceos! Que assombro!
D'entre o veo, d'entre as flores, que a adornavão,
Belleza divinal se patentea.
O extaze occupou logo a minha alma,
E em quanto mudo, e attonito contemplo
Este prodigio que illuzão julgava;
Dos olhos seos sympathica scentelha
Que então meiga vibrou, veio a meos olhos.
Não o fogo dos Ceos tão promptamente
Não fere, não abraza como a chama
Que em meu seio lavrou n'esse momento.
Minha alma áquelle encanto entregue toda
N'hum vasto mar de glorias se absorvia.
Findou-se o sacrificio dos altares,
E o meu principiou. Deixando o templo
Mais não sube de mim.

LAS CASAS.

Como? E não foste
Cumprir tua missão?

ALONZO.

Perdoa, amigo,
Se interesses liguei de amor, e gloria.
Fiel ao meu dever fui de Ataliba
O negocio ultimar; serenei tudo.
Porém tornado a Quito, era só Cora,
Este o seu nome; da minha alma emprego.
Sube nascida ser da regia estirpe,
Ser filha de Palmor; do resto ignaro
Não conservava mais da minha dita
Que hum vão desejo, e inutil esperanza.
Quando huma noite, que ao redor vagava
D'esses muros, que encerrão meu thezouro,
Começou a tremer mugindo a terra.
Lavaredas de fogo ao Ceo subião.
De subita ruina hum feio estrondo
A' roda sinto do sagrado alvergue.
Da pavorosa noite entre os horrores
Objecto do meu susto era só Cora.
Corro a salva-la; aberta huma passagem
Acho por entre os arrazados muros.
Trepo montões de lugubres ruinas.
Vi logo pelo meio do arvoredado
A' luz vermelha de vulcaneos fogos
Aqui, e alli correr pallidas virgens
Attonitas de susto, e a poucos passos
Achei nos braços desmaiada Cora.
De hum movimento extranho arrebatados
Ambos seguimos de ermo valle u senda.
Pouco tempo depois despiu-se a noite
De seos medonhos veos, e os brandos raios
Vinha esparzindo solitaria a Lua.
Cora então de seu susto a si tornada
Ao ver hum homem só quiz retirar-se;
Porém chamada de hum secreto encanto
A meu seio tornou. Sua fraqueza.
Precizava hum soccorro, e seu azilo

Meos braços e hum deserto erão sómente.
 Nelles sentia Cora os meos transportes,
 Da minha turbação participava;
 Os nossos corações, que palpitando
 Em mutuos sobresaltos se entendião,
 Ancias, suspiros, que por nós fallvão.
 De seos labios os meos sorvendo o nectar,
 Reciproca effusão d'alma, e sentidos,
 Olhos, viva expressão da lingua muda,
 O sitio, a solidão, mysterio, e noite,
 Tudo para perder-nos concorria,
 Oh extaze de amor! momento eterno!
 Comtudo qual relampago ligeiro
 Passou este momento, e densas trevas
 Lançou sobre o futuro. O meu projecto
 Era Cora deter, fugir com ella.
 Mas depois de rogar-me em pranto envolta
 Que não sacrificasse huma familia
 Para o templo voltou; segui seos passos,
 Entrou, não a vi mais. Sua sorte ignoro,
 E a minha desde então soffrer não posso.
 No tormento, em que vivo, cre-me amigo,
 Ou Cora possuir ou morrer devo.
 Nada me resta mais, e o teu soccorro
 Minha amizade implora.

LAS CASAS

Oh caro Alonzo
 Joven que ameí da tenra flor dos annos,
 Quanto folgo por vinculo tão doce
 A' cauza da justiça unido ver-te.
 Faltava amor sómente á tua gloria.
 O Ceo auxiliando a nossa empreza
 Poz no teu seio a bemfazeja flama,
 E ao nosso mutuo esforço entrega o resto.
 Cora tu amas? Sim, tua ser deve,
 Devem unir-se corações, que se amão.
 E a lei, que o veda barbara, oppressora
 Calca a razão, e ultraja a natureza.
 Amor o maior bem, que ha sobre a terra;
 A melhor das paixões, que aos homens coube,
 O mais seguro movel da virtude;

Nunca pôde ser crime; a cega crença
 Que essa mancha lhe poz, grosseiro absurdo
 Foi da superstição, que em seos delirios
 As leis da natureza prevertendo,
 Do mais puro prazer secando as fontes,
 De ventura incapaz, chamou virtude
 A esteril Izenção, e ergueu-lhe altares.
 Ceos! que infausta illuzão! Porque prestigio
 Poude sobre a verdade alçar-se o erro!
 Eis ahi Cora misera arrastando
 Desabridos grilhões, gemendo escrava
 N'hum jugo involuntario, que insoffrivel
 A virtude lhe torna, que a rebela
 Contra as leis, contra si, contra o Ceo mesmo.
 Direitos, que são seos, recobrar deve,
 Obra do fanatismo a prizão sua
 He justo dezatar. Porém que intentas?
 Queres tu no momento, em que he precizo
 Todo o zelo empregar, o esforço todo
 Por salvar este imperio, abandonar-te
 Aos cuidados de amor? E com que mancha
 Hiria Alonzo aos seculos vindouros,
 Se o grande chefe da mais nobre empreza
 Cegamente illudido a seos prazeres
 Sacrificasse o bem de hum povo inteiro?
 Inda quando sem risco aos interesses
 Desta exposta nação fosse possivel
 Tirar Cora do azilo, em que se encerra,
 Nunca uzar de violencia util seria.
 De hum povo, que se educa, e regenera
 A crença desprezar nunca aproveita.
 Crimes de opinião não muda a força,
 Só longa experiencia he que os dissipa.

ALONZO.

Não querido Las Casas, não prezumas
 Que hum delirio de amor faça esquecer-me
 Da gloria, que hei ganhado expondo a vida
 Por salvar este povo, nem que eu busque
 Só para contentar meu peito amante
 Sua crença insultar roubando Cora.
 De perfidia esse exemplo aviltaria

Todos os meos esforços, e eu não lucto
 Para fazer-me vil. D'essa ignominia
 Hade escapar Alonzo. Outras idéas
 Na minha alma revolve; eu só pertendo
 Persuadir este povo a que revogue
 A lei austera que agrilhoa Cora.
 Quero então livremente hir desposa-la.
 Eu sei quanto he difficil aos humanos
 Nos erros de piedade o desabuzo;
 Porém não desespero, os meos trabalhos
 Meu ardor por servi-lo, e defende-lo,
 Tudo enfim quanto eu fiz, tudo o que eu pude
 Vou ostentar aos olhos deste povo
 Pertendo illumina-lo, heide move-lo
 Ou morrer a seos olhos. Não, não soffro
 Que em perpetuos grilhões Cora lastime
 Dias, que á paz, e á amor sagrar devera.
 Cora livre nasceu, quero torna-la
 Aos direitos que herdou da natureza.
 Não he menos serviço a qualquer povo
 Os erros destruir, que os inimigos.

LAS CASAS.

Alonzo, com prazer teos sentimentos
 Conformes vejo em tudo á sã justiça.
 Mas moderando hum pouco os teos transportes
 Pondera bem na empreza a que te arrojas.
 He facil conduzir de hum povo a sorte
 A quem o influxo tem da authorityade.
 He facil dar-lhe as leis, e os ferros dar-lhe,
 Faze-lo supportar sem que murmure
 O pezo dos grilhões, do açoite os golpes.
 Ser dos bens, ser das honras despojado
 Póde o homem soffrer; mas se lhe attacão
 Os vãos prestigios de huma crença futil;
 Eis revolto, e phrenetico delira,
 E sem que freio algum conte-lo possa,
 Qual tigre embravecido então raivando,
 O vemos ensopar-se em sangue humano,
 E á amizade rebelde, e á natureza
 Soltar do fanatismo as furias todas.
 Tal dos tristes mortaes o ser se ostenta!

Bem sei que hum povo humano, hum povo docil
 Que das cultas nações ignora os crimes,
 Mais facil se convence. He necessario
 Comtudo d'ante mão sondar seos chefes.
 Cumpre ouvir de Ataliba os sentimentos.
 Eu vou fallar ao rei, quero dispo-lo
 Para ver se á razão presta os ouvidos.
 Tu parte entanto a prevenir os votos
 E o espirito do povo; hum só momento
 Não deve este negocio retardar-se.

(Vai-se).

SCENA VII.

ALONZO só.

Vai amigo fiel, tuas virtudes
 De Ataliba o soccorro hão de attrahir-nos,
 Teu saber persuadi-lo hade sem custo.
 Ataliba conheço; extremamente
 He credulo, e deyoto. Todavia
 Hum coração tem grato, ama a verdade;
 Este o character, que mais honra os homens.
 Venturosos os reis, que ouvi-la prezão.
 Mas inda mais ditoso eu me contemplo
 Tendo de amigo tal o apoio, os votos.
 Deste povo eu possuo a confiança;
 Seos suffragios terei. Que mais me resta?
 Eis-me proximo ao fim, porque me anceo.
 Cora, oh supremo encanto da minha alma!
 Tu fazes duplicar-se a minha gloria.
 Thé'gora combati por tua patria
 Sem outro zelo mais, que o da justiça.
 Agora amor divide este triumpho.
 Por ti, em seu abono elle pertende
 Hoje ao mundo mostrar, que o mesmo braço
 Que os imperios creou, salva-los póde.

Fim do Acto I.

ACTO II.

SCENA I.

Vista interior do Templo.

CORA, E AMAZILE.

Cora apparece n'hum estado de perturbação.

AMAZILE.

Senhora, que afflicção te desalenta.
 Donde nasce esse lucto, em que te abismas?
 Quando a tua presença ante os altares
 Pedia do holocausto a sacra pompa,
 Occulta gemes? e este mudo azilo
 Com suspiros, e ais de horror assombra?
 Que extranha agitação teu seio abala.

CORA.

Oh Ceo! — cara Amazile, — eu desfaleço —
 Foge-me a luz — as forças me abandonão —
 Sinto em meu coração gelar-se o sangue.
 Eu morro. —

(Senta-se).

AMAZILE.

Oh Ceos? Que estado deploravel!
 Senhora, que desastres pavorosos
 Teu mal horrendo motivar poderão?
 Saber deve Amazile este segredo.
 Tua socia fiel teos sentimentos
 Mais de huma vez ousaste confiar-me,
 Falla.

CORA.

. . . . Ai triste! oh destino inexoravel!
 Inflexivel tormento! Que ignominia,
 Vai ás sombras do tumulto seguir-me!

De quanto horror coberto, e quanto lucto
Seu vasto seio nos olhos meos se ostenta! (*levanta-se*).

Oh tu que vês meu pranto, e meos temores,
Luz do universo, pai da natureza
Sol, de quem dizem, que descende a prole
Dos preclaros varões, meos ascendentes,
Se condemnas meu ser, se hoje te agrada
Meos dias extinguir, para que estendes
A huma familia inteira os teos furores?
Se criminosa eu só teu Nume offendo,
Porque a innocencia barbaro castigas?

AMAZILE.

Que dizes? E que crimes te revoltão
Contra o Deus bemfeitor, que aqui servimos?

CORA.

Não, Amazile, o Ceo, cujos decretos
Submissa adoro; e a cujas leis me curvo,
Não olho como author dos meos desastres,
Nem rebelde accuza-lo me atrevêra.
De outra nascente meos pezares correm.
Hum inimigo indomito, e suberbo
A quem ja d'annos faço inutil guerra,
Hum verdugo inflexivel, que os meos dias
Cobre de esteril pranto, e de amargura,
Hum tyranno incangavel, que tranquillã
Respirar me não deixa hum só momento,
Faz de meu mal acerbo a cauza toda.
Tenho, Amazile, hum coração sensivel;
Deu-me esse dom funesto a natureza;
Eis de meu mal a fonte; eis meu tyranno.
Surda constantemente a seos clamores,
Das suas invasões triumphei sempre,
E athé do seu poder zombava affoita;
Mas não pude escapar de seos prestigios,
Que conhecer não sube: hallucinei-me;
Julguei-o em paz; fiz tregua a meos combates.
Ouvi-o hum só momento; e fui perdida.
N'esse fatal angelico momento
Foi que amor seu veneno, e seos encantos

DA NATUREZA.

19

Dentro em meu coração lançou de hum golpe.
Este o meu crime, e os meos desastres todos.
Victima sou de amor, por elle sinto
Urdir-se a minha morte; o Ceo me pune
Por ter do coração seguido as vozes,
Onde elle faz sentir-se, onde elle falla.
Não quiz, que eu pertencesse á natureza.
Não pude sustentar tão duro encargo.
Succumbi, foi de amor todo o triumpho,
E as chammaças expiar meu crime devem.
Deve nellas, oh Ceos! de horror me atterro,
Tudo o que he sangue meu cinzas tornar-se,
Que assim se pune o amor junto das aras.

AMAZILE.

Deuses! nas veas gelar sinto o sangue!
Oh desastre fatal! misera sorte!
E como foi teu crime, como poudes
Penetrando as barreiras invenciveis
D'esta austera prizão, que nos abriga
De seos males crueis, o amor perder-te?

CORA.

Destes males a historia inteiramente
Extranha te não he; conheces parte,
Mas d'ella ignoras, Amazile, o resto.
Tu forjar viste os meos grilhões pezados,
Viste a fonte brotar dos meos desgostos.
Des do dia fatal, dia tremendo,
Em que arrastada victima aos altares
Fui jurar no fervor dos tenros annos
Total renuncia á natureza inteira,
De amor aos laços odio inextinguivel,
E esteril enterrar-me, adversa ao mundo
Desta prizão eterna entre os horrores;
Tu viste o meu pezar; tu viste como
N'esse horrivel momento a fria boca
Proferia tremendo o voto austero
Do debil coração tirado á força.
Mas cumpria humilhar-me á voz paterna.
O juramento fiz; e elle foi crido,

2 •

Sem attender-se ao grito de meu seio
 Que n'esse mesmo instante o reclamava.
 Sincero se julgou, e eu confirmei-o,
 Quiz persuadir-mo eu mesma; e não poderaõ
 Nem delicias de hum Ceo, que me traçaraõ,
 Nem do Sanctuario as magestosas sombras,
 Soffocar-me esta voz; sempre mais forte
 Fallava dentro em mim, se a reprimia.
 Difficil me era crer, que hum Deus quizesse
 De hum fraco coração tão rude esforço.
 Confesso-te Amazile, que mais ermo
 Mais triste, mais esteril, que este azilo,
 Onde a existencia pasma em lucto envolta,
 Se tornava meu seio; e dentro d'elle
 Via todo o universo aniquilar-se.
 Eu sentia morrer-me; e a luz de todo
 Me extinguiã o pezar, se a mais tormentos
 Me não guardasse desabrida sorte.
 Ceos! que assalto cruel! como terriveis
 Ao ver Alonzo os meos grilhões pezaraõ!
 Desfaleci; não pude mais soffre-los.
 Minha alma entanto em sua vista absorta.
 Vencendo o abismo, que entre nós se oppunha,
 A' luz dos olhos seos foi penetrada
 De hum raio de esperança. Hum Numen logo
 Cuidei ver n'elle, vindo a nossos climas
 Para salvar este cadente imperio,
 Desatar meos grilhões, e á luz tornar-me.
 Deste grato transporte entre as delicias
 Com pranto inutil, com perdidos votos
 Mais hum Ceo, que era surdo eu não cançava;
 Era sómente Alonzo o Deus, que eu vinha
 Implorar ante as aras; e os meos olhos
 Tinhaõ para seu culto a imagem sua,
 Do dia as illusões, da noite os sonhos
 Tudo traçava Alonzo a meos sentidos.
 Seu phantasma adorando eu não cessava
 A todo o instante de invocar seu Numen
 Thé que huma vez propicia a meos clamores
 Por hum d'esses prodigios espantosos
 Com que abala seu seio a natureza
 Demoliu estes muros; e entre estrondos
 Entre ruinas, sustos, e gemidos

N'huma noite de espanto, e de terrores
Me deu aos braços do querido amante.

AMAZILE.

Ceos! Que escuto! que horror! E em tal momento,
Que inda agora recordo espavorida,
Na horrivel convulsão da natureza
Ante as iras de hum Ceo, que em fogo ardia,
Pôde hum cego delirio arrastar Cora
Sem susto, sem remorso ás mãos do crime?

CORA.

Fui fraca; abandonei-me inteiramente
Ao terror, que turbava os meos sentidos.
Eu vi sem saber como a meos joelhos
O meu libertador, e o meu amante
Chamar-me á vida, á amor, dar-me os soccorros
Que o meu estado misero pedia.
Por elle, pelo amor deixei guiar-me,
Incerta de salvar-me, ou de perder-me.
O Ceo para illudir-me os seos terrores
Hia meigo adoçando, e me surria.
Fachos de amor seos fogos se tornaraõ.
Sim, querida Amazile, a par de Alonzo
Vi risonha tornar-se a natureza.
Gloria de amor, encanto inexprimivel!
Ai! como acerbos recolhi seos fructos!
Noite de extaze, e horror, que inda me segues
De quantas turbações tens sido a cauza!
Por teu funesto influxo inda estremeço.
Gostando apenas o amoroso encanto,
A estas sombras outra vez tornada,
Toda entregue á illusão d'esse momento,
Extaziada em agradaveis sonhos,
Ignorava, Amazile, o meu estado.
Thé que hum prazer secreto amargamente
Me disse que era mái, foi facil cre-lo.
Aprovou meu delicto a natureza.
Meos sustos, meos continuos sobresaltos
Não poderaõ frustra-lo. Oh Ceos! no centro
D'este sacro recinto o doce fructo

D'esse funesto amor, que ao seio alento
 Guardo cheia de susto, e com cautella.
 Precizo recatar-me ás outras virgens
 Fugir athé das aras, que servimos,
 Por não ser descoberta; os meos desvellos
 Tem thé'gora evitado huma surpresa.
 Mas como escaparei das diligencias,
 D'esse ministro austero, e vigilante
 Que ja talvez suspeite os meos desastres.
 Ai de mim! meu temor basta a trahir-me.
 E o mais leve rumor me sobressalta.

AMAZILE.

Senhora, para aqui voltando os passos
 Vejo o sacro pontifice. He precizo
 Tua perturbação não descobrir-lhe.
 Talvez venha sondar teos sentimentos,
 Convém dissimular.

CORA.

Oh Deoses tremo.

Pontifice, e as ditas.

PONTIFICE.

Os supremos decretos, que annuncia
 Por mim a voz do Eterno, e que executo;
 Venho, Cora, intimar-te. Em mim contempla
 O vingador do altar, que inexoravel
 Faz cumprir suas leis, e as interpreta.
 Ouve pois seu oraculo terrivel,
 Que illudir jamais póde astucia, ou força.
 Da verdade o trovão, que o crime assusta,
 Lança por terra a mascara do engano.
 Quem póde resistir-lhe? Entra em ti, Cora,
 Conhece-te a ti mesma, e de horror tremo:
 Victima hedionda d'aversão celeste,
 Escandalo do altar, como pensaste
 Do Ceo, que via tua horrenda infamia,
 Escapar ao furor? Como sem pejo
 Das aras provocando a santidade

Enganar prestumiste os seos ministros?
 Sim, perfida, teu crime he manifesto,
 Horrorosos signaes o tem marcado.
 Nada póde salvar-te á morte horrenda,
 Que te vai devorar, e em mudas cinzas
 Tornar todo o teu sangue em desafronta
 Do altar, do Deos, que o teu delicto ultraja.

CORA.

Deus! Amazile, eu morro.

{ *Cabe nos braços*
 { *de Amazile.*

AMAZILE.

Oh sorte infausta!

Que barbaro rigor!

PONTIFICE.

Sim, neste dia
 Quero dar de rigor medonho exemplo.
 Dos Ceos á indignação se deve a preza,
 E não basta o remorso a seu castigo.
 A expiar seu delicto he pouco a morte.
 A tortura sómente ameiga as aras.
 Amazile, eu ta entrego: em quanto parto
 A fazer atear-se as lavaredas,
 Que a victima, e seos cumplices nefandos
 Em horrido supplicio abraçar devem. *(Vai-se).*

SCENA III.

As ditas menos o Pontifice.

CORA.

(Tornando a si).

Ai de mim! Que escutei! Que horror lançaraõ
 Dentro em meu seio aquellas duras vozes!
 Minha condemnação, ministro austero,
 Troou dos labios teos, e os meos temores

Veio em fim confirmar teu fero annuncio.
 Meu crime he manifesto; ah! talvez seja
 Do mundo inteiro com vergonha ouvido.
 Sou das virgeus do Sol desdouro eterno!
 Odio dos Ceos, escandalo das aras
 Me tornou meu delicto; e bem depressa
 Heide arrastar ás devorantes chammas
 Minha existencia triste, e a minha affronta?
 Oh barbaro destino! Eis a piedade,
 Que nas aras encontro. A' infamia, á morte
 Seu azilo me expõe. Pai desabrido,
 A que terrivel prova submetteste
 Minha inexperta, timida fraqueza?
 Em que abismo lançaste a tua filha?
 Porque horrivel ternura me arrancaste
 Dos braços maternas, onde hum refugio
 Teria contra amor, e os desastres?
 Eis cumprido teu barbaro preceito.
 Victima d'elle sou. Que mais pertendes?
 Não basta ainda a teu rigor severo
 De tua filha a morte? Oh dor acerba!
 Misero pai, perdoa, eu me confundo.
 Eu só fui ré; e tu perecer deves.
 Ceos! porque crimes odiosa morro!
 Desgraçado Palmor, quam desabrida
 Pune o teu sangue a colera celeste!

AMAZILE.

Senhora hum pouco a tua dor modera.
 Tua sorte he sem duvida terrivel.
 Tremendo, como tu, da boca austera
 Ouvi d'esse ministro inexoravel,
 A sentença cruel, que te condemna.
 Mas que aproveita infructuoso pranto,
 Quando reparo subito he prezizo?
 Careceu de hum prodigio a tua perda,
 Outro póde salvar-te. Alonzo póde
 Arrancar-te ao furor do teu destino.
 Seu inclyto valor tem sido esteio
 Deste cadente imperio; e a nossos lares
 Tem segurado a paz, porque motivo
 Negará só remedio a teos desastres?

Senhora, este conselho aproveitemos,
De Alonzo se procure huma entrevista,
N'este mesmo logar, lembrar-lhe deves
Que elle, que o teu amor sómente origem
De tua morte são.

CORA.

Tua amizade,
Extremosa Amazile, te hallucina.
Sim, persuadida estou do amor de Alonzo.
Seu nobre coração não me enganava,
Quando junto do meu tremia ancioso.
Huma vez, e essa vez bastou sómente,
Para que as nossas almas se entendessem,
Seos verdadeiros, puros sentimentos
Pude testemunhar, e agora mesmo
Creio, que o seu esforço util me fôra,
Se huma lei desabrida, e inexoravel
Não decretasse a minha infausta morte.
Do Ceo, que tem traçado o meu destino,
Nenhum poder as decisões revoga.
Que esperança me resta? Ah menos rude
Me seria o morrer, se ver podés-e
Aquelle, por quem morro; a vista sua
Da feia morte o horror me adoçaria.
Mas que digo! Insensata! Ao ver Alonzo
Quem podia deixar sem custo a vida?
Ah! Se hum eterno adeus cumpre só dar-lhe
De meos olhos primeiro a luz se extinga.
Não, não tenho valor para tal golpe
Fôra menos morrer, que o separar-nos.

AMAZILE.

Pois bem, senhora, á tua perda corre.
Tudo quanto te he caro em fim pereça.
Porém não creas, não, que á perda tua
Sobreviva Amazile; acompanhar-te
Hirei subitamente entre os extinctos.
De Cora agonizante a triste imagem
Minha alma não supporta. Ah de horror tremo!
Sómente de pensar, que as mesmas chammas,
Que te vão devorar, consumir devem

O sagrado penhor do amor mais puro
Teu innocente filho.

CORA.

Ah! Que disseste!

Que? Meu filho morrer comigo deve?
E hade ao seio materno o triste unido,
Em vez do seu alento achar a morte?
Ceos! E que crimes cometteo meu filho?
Objecto só de pranto, e de piedade
Porque se pune a misera innocencia?
Ah! se a vossa piedade assim procede,
Se vós dais o castigo antes do crime.
Vossa cruel piedade, injustos Deuses,
Do furor, da inclemencia em que differe?

Mas eu morro, meu filho, e a minha morte
Não te póde salvar, nestas entranhas
Teu ser, tua extincção principio houverão.
Sou das mãis a mais triste, e a mais culpada.
Deuses, qua me punís, severos Deuses!
Porque fatal contradicção me desteis
Ser mãe, sem ser esposa? O meu delicto,
Que sómente he dar vida, he tambem vosso.
Reclamai pois o vosso dom funesto,
Se esta vida quereis; mas a do filho?
Ah! não, da mãe pagar não deve os erros.
Rebelde não quebrou vossos preccitos.
Não, não hade morrer. Sua innocencia
O Ceo abengoou, e o Ceo protege.
Eu ja corro a implora-lo. Se dos entes
He pai universal, porque tyrano
Hade ser só comigo? A luz dos astros
Porque só sobre a terra hade eclipsar-se?
Ah, não creio que hum Deus se contradiga.

Amuzile, o tormento me offuscava
O lume da razão, ja me resigno.
A's aras vou prostrar-me, onde orar devo.
Ali esperarei tranquilla, e docil
O que o Ceo decidir sobre os meos dias.

AMAZILE.

Senhora, vem o Rei. D'estes lugares.

Affastadas hum pouco, invocaremos
 O soccorro dos Ceos, ja que os humanos
 No conflicto maior nos abandonão. *(Retirão-se).*

SCENA IV.

ATALIBA.

Que escutei? Que improviso ardente raio
 Meu seio penetrou? Supremos Deuses!
 Quem o crêra? Que horror! Que atroz delicto!
 E foi Cora capaz de hum tal excesso?
 Cora que traz nas veas inda o sangue
 Dos Reis nossos avós! Cora a mais bella
 D'entre as virgens de Sol! Verificado
 Vejo agora esse Oraculo terrivel,
 Que á pouco me fallou, que encheo de assombro
 Neste mesmo lugar meu seio afflicto.
 Ceos! Que vos resta mais! Todo o meu sangue
 Quereis ver derramado! Eu principio
 Na mais cara porção, que me deixasteis:
 A verte-lo; a ferida, que em meu seio
 Zorai deixou aberta, inda goteja.
 Cora, Palmor, que sacrificio acerbo,
 Que doloroso golpe hade á minha alma
 Vossa perda custar! Triste Ataliba!
 Preeminencia fatal, funesto emprego!
 Executor das leis, que o Ceo dictára
 Não as posso infringir; sangue, amizade,
 Perante hum tal dever, tudo immudece.

Mas que vejo? He Palmor. Misero velho!
 Para que vem seos passos arrastando.
 Condoo-me dos males, que o consternão.

SCENA V.

O dito, e Palmor.

PALMOR:

O' Inca deste imperio, ó Soberano

Chefe desta nação; meu Rei, e amigo
 Se inda me he permitido assim chamar-te.
 O mísero Palmor, que a desventura
 Provado tem c'os mais crueis revezes,
 Que encadeada á serie das ruinas
 De imperios, de nações, que extinguir víra,
 D'ha longos annos a existencia arrasta.
 Depois de ter vencido a adversidade,
 Calcado sustos, desprezado a morte,
 Hoje a vida odiando ás plantas tuas
 Cheio de confusão, de opprobrio cheio,
 Huma victima traz, sobre quem descem
 As maldições do Ceo, e os seus castigos.
 Eis aqui tens, Senhor, o triste objecto
 Da tua justa colera, este sangue,
 Que se gela em meu seio, occultamente
 Fermentando do abismo a peste immunda,
 Tem semeado o horror sobre estes climas.
 Cora, oh vergonha! Oh dor! Eu desalento —
 De eterno opprobrio, e de irrisão cobrindo
 Os meos ultimos dias, inhumana
 Me arrasta indignamente á sepultura.
 Eis o premio do zelo e dos cuidados
 Que me devo sua sorte. Iniqua filha!
 Misero pai! — Senhor, eu to supplico,
 Accelera o meu termo. Huma existencia
 Que a golpes tão crueis fere a ignominia,
 Me faz suave todo o horror da morte.
 Da luz, que ver não devo, a claridade
 Só me serve de assombro. A natureza,
 Que indignada me expulsa de seu seio,
 De horrivel solidão no lucto envolve
 Meos derradeiros, lugubres instantes,
 E de espectros povoa o meu sepulchro.
 Mais soffrer ja não posso — Ah! tem piedade (*Ajoelha*).
 De meu cançado ser, destroe-me os dias
 Que mais de teu serviço ser não podem.
 Esse amigo, esse heroe, que audaz, que affeito,
 Aos combates voou sempre a teu lado,
 Que palmas conseguiu, ganhou triumphos
 Ja não vês em Palmor; proscripto, infame,
 Na frente paternal trazendo impresso
 O punidor anathema, o refugo,

E o desprezo hoje sou do mundo inteiro.
Tu mesmo sangue meu, sangue, que insulto,
Me deves o supplicio, ah não demores
Este fim, que me espera, e que appetço.

ATALIBA.

Levanta-te infeliz. Misero objecto
De piedade, e de horror. Que acerbos golpes
Teos males sobre mim não descarrégão!
Porque lado tão caro, e tão sensível
Hoje para provar-me o Ceo me fere!
Vê, Palmor, em que horriveis desventuras
Huma imprudencia ás vezes nos despenha.
Cora ousou violar do sancto azilo
A respeitavel lei, seu jugo austero
Talvez pezado sustentar não pode.
Quanto fôra melhor não submete-la
A prova tão cruel. Dos verdes annos
Confiar tão penoso, e duro encargo
He cahir no despenho, em que te abismas.
Eis aqui sem remedio as consequencias,
Cora huma lei quebrou, lei, que não muda,
Lei, que lhe ordena a morte. Morrer deve,
E com ella acabar seu sangue todo.
De outra sorte seria ajuntar crimes
A crimes, e supplicios a supplicios.
Para evita-los pois, Palmor, te aprompta.
A salvação do imperio he quem to exige:
Vai tranquillo morrer. Tua coragem
Sirva a Cora de exemplo. A dar-lhe corre
O extremo adeus; o teu valor lhe inspira;
E da vossa firmeza ao nobre exemplo
Ataliba sensível, Ataliba
Mais punido que vós por não seguir-vos,
Entregue á solidão da natureza,
Ao passo que vos perde, hade envejar-vos;
E ao saber que acabaes tão dignamente
De lembrar-se de vós não terá pejo. *(Vai-se).*

SCENA VI. e ultima.

PALMOR só.

Oh Ceos! Que humilhação! Barbara sorte,
 A que funesto transe a desventura
 Reduzido me tem? E hirei eu mesmo
 Ouvir da boca de huma indigna filha
 De seu negro attentado a infame historia!
 E por auge de insulto, e de ignominia
 Tranquillo soffrerei, que o seu aspecto
 Cubra de pejo o paternal semblante?
 Ah! Que á idéa de tanto abatimento
 De horror minhas entranhas se revoltão.

Natureza, suspende as tuas vozes
 Dentro em meu coração. Não-mais me falles
 A favor da perversa. — Odio, vingança,
 Despeito, indignação, surgi do abismo,
 Trazei-me as maldições, trazei-me as pragas,
 Que vos dictar o inferno, e quando a morte
 Medonha abrindo as flamejantes azas
 Em torno lhe voar da iniqua frente,
 Cahi sobre ella com medonho assalto.
 Nas garras do remorso, e d'amargura
 Possa a indigna acabar. Desta maneira,
 Vendo expiar seu crime entre os horrores
 Da barbara tortura, innaccessivel
 Ao pranto, á dor da reprobá expirante
 Morre tambem Palmor... mas vil não morre.

Fim do Acto II.

ACTO III.

SCENA I.

Vista interior do Templo.

CORA só.

Oh tu , cujo poder , cuja influencia
 Penetra a terra , os Ceos , e o mesmo abismo ,
 Tu , cujo resplendor deslumbra os astros ,
 Expulsa a noite , e a natureza acorda ;
 De vida , de prazer fecunda origem ,
 Almo brilhante Sol , que o mundo adorna .
 Tu Numen tutelar deste hemispherio ,
 Author do sangue , que em meu seio agitas ,
 Deus de meos pais , e meu . Senhor supremo
 De meu ser , meu Juiz . Aqui tens Cora
 Tremendo , e só perante os teos altares .
 Digna-te de attende-la , e de julga-la .

Se tu nõ giro teu constante , eterno
 Mostraste sempre ao mundo a mesma face ,
 Se extinctas gerações , que alumiaeste ,
 Virão , como eu , a teos benignos raios
 Mil flores rebentar , nascer mil entes ,
 Se no plano da vida infatigavel
 Ardes para manter com teos luzeiros
 Da criação o imperio obra só tua ;
 Como leis , que entretem de inercia , e morte
 Pezada condição tuas ser podem ?

Porque extranha virtude incomprehensivel
 Opposta ao teu influxo , ao mundo adversa
 Me sepultarão nestas mudas sombras ?
 Mas se aqui mesmo neste azilo eterno
 De tristeza , e de horror , sempre em meu peito
 Os teos dictames conservei gravados ,
 Se do fervido instincto á voz fui docil ,
 Com que os mortaes ao ser , e ao bem convidas .
 Se tuas leis segui , de que me acouzaõ ?
 Como sem te offender sou criminosa ?

A' morte me condemnãõ teos ministros,
 E a lei que o decretou dizem ser tua.
 Acreditar que devo? Impoem-me as aras?
 Ou com falso esplendor tu me hallucinas?
 Ah! Não, de teu poder sinto a grandeza.
 Tem a luz, e a verdade a mesma força.
 De que crimes então sou delinquente?
 Se transgredir o que não he virtude
 Nunca delicto foi, porque injustiça,
 Porque lei dura se castiga Cora?

 SCENA II.

Palmer, e a dita.

PALMOR.

Immudece blasphema. E que impiedades
 Unir ao sacrilegio inda pertendes?
 Malvada! Desta sorte aos Ceos insultas,
 Porque teu crime punem?

CORA.

Que ouço! Oh Deuses!
 Ah pai, deixa, que eu possa entre os teos braços —

PALMOR.

Affasta-te, insolente — inda te atreves
 A proferir de pai o nome? — Ah longe
 Longe de mim horror da natureza —
 Eu teu pai? Ceos! Que opprobrio! E gerar pude
 Tãõ monstruosa filha? Objecto infausto
 Da colera dos Ceos, com que ousadia
 Teu criminoso aspecto aqui me ostentas?
 Impia, que o raio abrazador provocas,
 Que hade depressa a cinzas reduzir-te,
 Como trahir podeste os juramentos,
 Que ao mais sancto dos vinculos te uniãõ?
 Dezertora do altar, que profanaste,

Apostata da lei, que te condemna,
 Torpe aggressora da gentil pureza,
 Da virtude maior, que o claustro adorna,
 Que crimes mais a perpetrar te restão?

Acaba, põe o selo a teos horrores:
 Estas cans, que athé'qui nunca aviltarão
 Os revezes da sorte, e do infortunio,
 Arrasta pelo pó, no opprobrio arrasta.
 Enche de horror o termo de meos dias,
 E de irrizões me cobre a sepultura.
 Mas primeiro que a morte a luz me apague,
 Da minha imprecação sente o castigo.

Refugo de meu sangue eu te detesto.
 Sim, perfida, recebe em recompença
 As minhas maldições. — Monstro execravel,
 Foge dos olhos meos, vai sobre as chamas,
 Que a justiça ateou para abraçar-te,
 Perder o resto desse sangue impuro,
 Que teos crimes nutrio. Leva ao supplicio
 Coberta de ignominia, e vituperio
 Tua indigna existencia. — Aos Ceos apraza,
 Que em teu leito de morte ermo, e sem pranto
 De teu crime os phantasmas pavorosos
 Se ergão para seguir-te além da morte,
 E te fação sentir no horror do abismo
 A'troz memoria, que na terra deixas.

CORA.

Oh reprehensão acerba! Ai triste! E aonde?
 A quem fará piedade o meu destino?
 O Ceo, e a natureza me abandonão —
 Que outro azilo me resta! — Eu desfaleço —
 Sinto meu fim chegar-se. — Oh morte! Oh morte!
 Bem vinda sejas, lança nos meos olhos
 Teos negros veos. Sim, tolhe-me depressa
 A' luz que se me apaga, e que aborreço —
 Porém que vejo? Oh Ceos! Que horriveis monstros!
 Que serpentes de fogo assobiando
 Deviso em torno? Que vulcões medonhos
 Abre a terra a meos pés! Filhas do abismo,
 Vindes para arrastar-me á noite eterna?
 Vinde, a vosso furor se entrega Cora.

Mas ah! não, suspendei, deixai primeiro
 A colera de hum pai satisfazer-se;
 Deixai que de seu odio o triste objecto,
 Ja que a morte em seos braços se lhe nega,
 Victima do remorso a seos pés morra. (*Cabe-lhe aos pés*)

PALMOR.

Deuses! Gelar me sinto. — Oh natureza,
 Que grito ao centro de minha alma arrancas?
 Ceos! E sou eu o algóz da propria filha?
 Que feio horror me assombra. — Eu me detesto —
 Faço aversão á natureza inteira.
 Oh Cora! Oh filha, oh lastimoso objecto
 De ternura, e de horror, vem nestes braços
 Comigo derramar o extremo alento
 Vem a meu seio; vem. Mas tu não fallas?
 Tens no semblante a pallidez da morte?
 Que tormento, ai de mim! Morrer me sinto.
 Desgraçado Palmor! Querida filha!
 Sim, eis aqui teu pai; que a teos joelhos
 Hade morrer, ou a vida outra vez dar-te;
 Perdoa, sim perdoa. Extremamente
 Fui contigo cruel.

CORA.

Pai desabrido,
 Deixa-me a paz sequer da sepultura.
 Porque extinctos teu odio inda persegue?
 Mas que vejo? Palmor? Banhado em pranto;
 A meos joelhos? Ceos! Oh torno á vida,
 E torno aos braços teos?

PALMOR.

Sim, neste seio
 Reconhece teu pai, nelle me aperta.

CORA.

Oh meu pai! Oh prazer! Quasi que expiro
 De alegria outra vez. Tu me perdoas,
 Quando só merecia as tuas iras?

Ah senhor, que triumpho mais pertendes
 Dar á tua virtude! E de que modo
 Inda queres provar minha fraqueza!
 A' tua justa colera hum momento
 Eu pude resistir, mas ver não posso
 Sem minha confuzão tua ternura.
 O pranto, que te arranca o meu destino,
 Mais odiosa a minha culpa torna.

PALMOR.

Filha, os breves momentos, que nos restão,
 Não percamos na dor de nossos males;
 São por extremo grandes; e he preciso
 Todavia soffre-los. Sem remedio
 Tem o Ceo decretado a nossa morte.
 Minha a culpa só he. Sacrifiquei-te.
 Sem tua alma sondar, lancei-lhe hum jugo
 Com sua natureza incompativel.
 Fez do teu coração meu zelo ardente
 Huma victima infausta; e o meu arbitrio.
 Foi tua vocação, e o teu flagelo.
 Ah cego! Acreditei, que aceito ás aras
 Fosse o meu sacrificio, e no teu voto
 Alheio á indiscrição dos tenros annos
 Fundei minha esperança; em ti firmava
 O prazer de meos dias derradeiros.
 Tua resignação gostoso eu via
 Hir-me flores lançando a cada passo
 Na estrada da ventura, a que aspirava;
 Mas oh delirio vão! Cega imprudencia!
 Desmentio meu projecto a natureza.

Miseros pais, a que funesto extremo
 Vossos filhos levais, quando á violencia
 Regem seos corações vossos preceitos!
 Cora, triste Palmor. Perdida filha,
 Eu te assassino, e tu me dás a morte.
 O Ceo para punir meu fatal erro
 Fez da tua fraqueza o meu verdugo.
 Mas tu, que conhecias o perigo
 E de teu dever sancto a austeridade,
 Porque não foste forte? Quem, quem poude
 Offuscar-te a razão para trazer-te

A tão cruel despenho, a tal affronta.
Que baixo seductor. —

CORA.

Senhor, perdoa,
Se indiscreta interrompo as tuas vozes.
Não foi vil seducção, baixo artificio,
Que a razão me offuscou, que illudir poudes
Minha innocente, credula piedade.
A filha de Palmor, que inteiramente
Ignora o que he fingir, da mesma sorte
Que franca te declara o seu delicto,
Te assegura tambem, que a tão vil preço
Não saberia inda hoje o que era crime.
De motivo mais nobre honra meos males;
Teos desastres adoça: á examina-los
Nada acharás, senhor, que te envergonhe.
Minha culpa conhece. A origem d'ella
Poz dentro de meu seio a natureza,
O Ceo a secundou. Pela virtude
Foi consumado o resto — ah volve a mente
Para objecto maior, lembrar-te deves
No meio de que horror meu fim teria,
Se o Ceo não enviasse a soccorrer-me
Prompto libertador. Mudou-se a scena
Desse instante fatal. Salvou-me Alonzo,
Mas Cora se perdeu.

PALMOR.

Ceos desabridos!
Que nome á nosso estrago ajunta a sorte!
Pois que? Poudes tambem para perder-nos
Alonzo conspirar? Quem tal pensára!
Depois de tantas provas de amizade,
De huma inteira confiança, huma tal paga
Deviamos ter delle! Aproveitar-se
De hum momento de engano, e de fraqueza,
Para nos fulminar males sem termo?
Ah! Dos homens constante a marcha vejo.
Nelles virtude he sempre hypocrisia,
A todo o custo seu prazer só querem.

Eis o amigo, eis o heroe, que impoz de Numen.
 Falso, traidor, sacrilego, perjuro;
 De nossos males fonte inevitavel.
 Pois bem, ja que do crime origem foste,
 Comnosco morrerás.

CORA.

Senhor, que dizes?

Que injustas iras a razão te assombrão!
 Quem offende a verdade, os Ceos offende.
 Futeis louvores não carece Alonzo,
 Mas, senhor, se a virtude honrar se deve,
 De nosso culto que mortal mais digno?
 Quem sem mais outro fim, que a humanidade
 Calcando riscos, combatendo azares
 Viria de tão longe a soccorrer-nos?
 Nossa paz, nossos bens, e as nossas vidas
 Não são do seu esforço obra sómente?
 Pois como a crimina-lo assim te apressas?
 Alonzo o nosso apoio, a nossa dita,
 O lustre dos heroes, da gloria o chefe,
 Só porque huma alma teve amor sensivel,
 He perfido, he perjuro, he reo de morte!
 Quão mal pagado o merito foi sempre!
 Como he feroz, e barbara a virtude
 Que o terno amor combate! Horriveis monstros
 Vejo sem elle nos heroes da gloria.

Não, não he reo, senhor, nem levemente
 Alonzo delinquo. Se hum Deus terrivel
 De fero zelo, e de vingança armado,
 Inflexivel tyrano, oppressor duro
 Dos ternos corações, quer minha morte,
 Quer nutrir com meu sangue os seus furores,
 Embora d'elles victima eu pereça.
 He mais hum terno coração, que acaba.
 Mas viva Alonzo, sim, salve-se o amigo
 Da oppressa humanidade. Ah corre, voa,
 Senhor, busca este heroe, por mim lhe dice,
 Que fuja, que abandone estes lugares,
 Onde em contradição fatal, e extranha,
 A natureza ri, quando amor geme.
 Que distante de nós salve huma vida,
 A' gloria, á humanidade, a mim tão cara.

Que deste povo ingrato, a quem servira,
 Perdoe a condição, desculpe os erros.
 Sua fraqueza não sabia ama-lo.
 Mas que Cora a seus meritos sensível,
 Fiel aos sentimentos, que houve d'elle
 De ternura, e de estima, vai constante
 Entre as chamas cruéis, que hão de extingui-la,
 Mostrar, que athé ao derradeiro alento
 Idolatrou Alonzo: ah viva elle!
 Contente vou morrer, serei ditosa.

(Vai-se).

SCENA III.

PALMOR só.

Ceos! Que farei? Que idéas horrorosas
 Minha ternura paternal assombrão!
 De Cora os elevados sentimentos,
 O magnanimo esforço, ao mesmo passo,
 Que coragem me dão, me dão remorsos.
 Em que intrincado, e cego labirinto
 Sempre incerta fluctua a mente humana!
 Onde he que existe o erro, onde a verdade?
 Quem pôde penetrar sem confundir-se
 Do coração os intimos recessos?
 Sou pai, sinto-me reo, e amo a virtude.
 Eu me abismo. — Razão, serás chimera?
 Ou dos tristes mortaes flagelo inutil?
 Mas quem deste recinto o horror cruzando,
 Para aqui se encaminha? — Alonzo! — He elle.
 Ceos! De meu damno as fontes se abrem todas.

SCENA IV.

Q. dito, e Alonzo.

ALONZO.

Senhor, se a confusão destes lugares,

A pallida mudez das sacras virgens,
 O terror, que se espalha entre estes muros,
 Não lançassem receios devorantes
 Dentro em meu coração, não me atrevêra
 A entrar neste recinto innaccessivel.
 Ao resto dos mortaes; mas desculpar-se
 Deve o excesso do zelo, em que me inflamo
 Pela vossa defeza; assás me he cara.
 Minha vida, meu sangue hei tido em pouco,
 Quando ao vosso serviço era precizo.
 Nada comtudo fiz, que vos penhore,
 Em verte-lo por vós, pela innocencia.
 Esse o dever, e o gozo he da virtude.
 Mais sublime penhor, maior direito,
 Tenho á vossa amizade, á vossa estima.
 Mais de huma vez, tremi por vossos males,
 Mais de huma vez, gelei a vossos sustos,
 E mil vezes ao vosso uni meu pranto.
 Eis a forte prizão, que a vós me liga.
 E serei eu de vossos infortunios
 Tranquillo espectador? Essa tibiesa
 Ao coração de Alonzo era impossivel.
 Elle, se vós gemeis, comvosco geme.
 De vossa confiança eu gozo a dita.
 Senhor, não saberei, que acerbo luoto
 Envolve o teu semblante?

PALMOR.

Ha desventuras,
 A que não basta o pranto. He necessario
 Sua idéa apagar no horror da morte.
 Dor concentrada he sempre a mais terrivel.
 Nossos males sem duvida horrorosos
 Athé agora tem sido; e todavia
 Eu podia soffre-los. No dezastre,
 A barba, e as cans intrepido me acharão;
 E de encarar meu fado hoje me atterro.
 Sei que pranto, que zelo, e que serviços,
 Te hão merecido os nossos infortunios.
 Em nome deste povo, eu te agradeço
 Os beneficios teos — Mas ah! sem elles
 Não seria Palmor tão desgraçado.

ALONZO.

Desgraçado Palmor! Ceos! De que assombro
Se enche minha alma! — E de que horriveis males
Tem sido Alonzo author?

PALMOR.

Cheios de opprobrio,
Cora, e Palmor, nas chammas expirando,
Depressa te dirão quaes estes males
São, quaes os bens, que prodigo nos deste.
Oh Ceos! E poderia imaginar-se,
Que o vencedor dos nossos inimigos,
O modello da gloria, e da virtude,
Que heroe se apresentou, se disse amigo,
A nossa perda unisse a seos triumphos?
Que Alonzo o prazer barbaro tivesse
Da nossa humilhação, da nossa morte?
Prezumido mancebo, agora vejo
Qual da tua virtude era o motivo.
Dos homens, que se jactão de sensiveis,
Eis a gloria fatal. Por hum momento
De prazer, de illusão, nada lhes custa
Sacrificar huma familia inteira —
Oh misero destino! E de tão longe
A viltar-nos trouxeste o teu soccorro?
Quem te exigia esse valor funesto?
Ah se para insultar protege a força,
Quanto fôra melhor nossa fraqueza!
Souberamos morrer, se assim cumprisse,
Mas sem labeo se hiria á sepultura.

ALONZO.

Que ouço? Triste de mim! — Que horror me assombra!
Senhor, modera o teu rancor terrivel,
Melhor conhece Alonzo; e sê mais justo.

Desperto des da infancia á voz da gloria,
Sempre o meu coração, fixo em seu norte,
Rumo não soube mais, que o de ser util.
Prevendo experiente os vossos males,
Corri a unir-me a vós. Marchas, fadigas,

Nada poude assustar-me. Era ajudar-vos,
 Ou comvosco acabar, meu presuposto.
 Da vossa cauza o zelo, o da justiça,
 Me trouxe unicamente a vossos lares.
 Meos olhos inda então não tinham visto
 A filha de Palmor. Sim, bastou vê-la,
 Bastou ver seos encantos, porque Alonzo
 Não tivesse outro fado, mais que ama-la,
 Possui-la, ou morrer. Tinha a justiça
 Ligado, sem que a visse, as nossas sortes,
 Unio depois o amor nossas vontades;
 Que muito fôra então, que me prendessem
 A' bella Cora indestructiveis laços?
 Ah! de estorvo sómente erão seos ferros.
 Hum momento de horror quebra-los poude.
 Voei a soccorre-la; e o nosso encontro
 Foi da nossa união motivo eterno.
 Desceo dos altos Ceos naquelle instante
 Nosso puro hymineo, e a confirma-lo
 Não foi precizo hum juramento esteril,
 Que só surprende o amor, mas que o não firma.
 Foi nosso templo a natureza inteira,
 Forão fogos do Ceo da pyra os fachos,
 E os nossos corações altares forão.

Nelles, na fé reciproca seguros,
 A hum destino cedendo irresistivel,
 Amor, vontade, ser; tudo, ligando
 N'hum ser; démos as mãos, e suspirámos.
 Desta nossa união licita e pura,
 Só faltava instruir o mundo, e as aras.

Mas o erro se oppunha, era precizo
 Combate-lo primeiro; e sem trabalho
 A's armas da razão não cede o erro.

Eis de meos sentimentos toda a historia.
 Se desta conficção, que he verdadeira,
 Tu te offendes, senhor, se reo me julgas,
 Por unir-me ao teu sangue — Ah satisfaze
 As tuas iras, teos desastres vinga,
 Pune o delicto em mim, que te deshonra.
 Minha espada aqui tens, verte o meu sangue,
 Extingue, laya nelle a offensa tua.
 Tira do mundo hum ser que inutilizas,
 Que á idéa do delicto, e da existencia

Não se póde ligar. Pereça Alonzo,
 Primeiro, que á innocencia, e que á virtude,
 Huma lagrima só seos dias custem.
 Que te detem, senhor, despede o golpe,
 Se eu precizo morrer para appacar-te,
 Eu to supplico, fere. Alegre acabo
 Morrendo ás tuas mãos.

PALMOR.

Vai-te, estrangeiro,
 O mal nos deixa, que teos dons fizerão.
 Vai levar teu valor, e os teos soccorros,
 Onde não custem tanto, de nós fuge,
 E deixa-nos morrer.

ALONZO.

Que ouzas dizer-me?
 Eu deixar-vos? E hes tu quem mo aconselha?
 Cora, Palmor por minha culpa devem
 N'hum supplicio acabar, e eu vil cobarde
 Devêra em tal conflicto abandonar-vos?
 Oh Palmor, oh meu pai, sim, que este nome
 Ja não podes negar-me, o meu esforço
 Não invileças tanto. Esse odio acerbo,
 Com que me feres, com que me regeitas,
 Diminue, senhor. Não to mereço.
 Prompto me viste sempre a expor a vida
 Por defender tua cauza; e ver-me-has hoje,
 Se os teos preclaros dias, se os de Cora,
 Ameaçados estão, ver-me-has correndo,
 Qual tigre embravecido, ondas de sangue
 Pela terra espalhar, vingar teos males,
 Ou morrer a teu lado. O defender-te,
 A quem mais tocaria do que a hum filho?
 Crê-me, senhor, não sou vil embusteiro,
 Fero verdugo, seductor infame
 De tua filha. Sou de Cora esposo,
 Sou teu filho. Este nome não me roubes.
 Não deixarei, senhor, tua presença.
 Que digo? Não sahirei dos teos joelhos,
 Sem comover-te o coração paterno,

Ou morrer a teos pés. Não, não te deixo;
Ou chama-me teu filho; ou dá-me a morte.

PALMOR.

Basta, senhor, não mais. Tu me consternas
Com tuas expressões, e a dor me avivas,
Não creas entretanto, que insensível
A finezas, que obraste em nosso abono,
Não saiba apreciar tuas virtudes.
Sinto-as assás, e assás me forão caras.
Mas se Palmor estimas, se amas Cora,
Cumprê o que ella por mim manda pedir-te.
Hum Deus cruel perdeu nossa familia,
Nosso sangue persegue — ah! que lhe fujas,
Que a serviço melhor teos dias poupes,
São de Cora expirante unicos votos.
Ella por mim to exprime — ah! não pertendas
Teu esforço perder, baldar seu pranto,
Seos deveres tentando irrevocaveis,
Cora ao culto do Sol foi consagrada.
Força humana quebrar não pôde os laços,
A que ligado a tem seu juramento.
Neste culto nasceo, morrerá n'elle.
E Palmor, que de exemplo hade servir-lhe,
Não tem mais que escolher; taes sentimentos
Alterar-me não pôde a mesma morte;
Sei despreza-la; e quando a receasse,
Aprendêra de Alonzo a não teme-la.
Nada mais tenho, que dizer-te possa.
De ti, de teu exemplo persuadido,
Sem saber o que he susto, a morrer corro. (*Vai-se*).

SCENA V.

ALONZO só.

Ah! onde levas, temerario, os passos?
Detem-te; escuta — oh misera cegueira!
Oh fereza implacavel! Sorte infausta!
De contrarias paixões que acerba lucta

Combate sempre o coração humano!
 Quando deve gemer, fôlgar só sabe:
 A prantos surdo, treme de chimeras.
 Ah! teu furor conheço; a sêde tua,
 Barbaro fanatismo, he só de sangue.
 No debil coração, que tu governas,
 Extinguindo a piedade, odios só nutres.
 Mas contra mim debalde armas teu braço,
 Revoltando indignado a natureza.

Monstro vil de fraqueza, orgulho do erro,
 Heide desmascarar-te, ou serei cinza.
 Cora, Cora onde estás? Teu pouzo he este.
 Quem te affasta de mim? Porque te escondes?
 Tambem do fanatismo á voz secumbes?
 Ah não! Tu não serás victima sua.
 Eu ja corro. eu ja corro a espedaçar-te
 Os indignos grilhões. Cora, o momento
 De salvar-te he chegado. Eia corramos
 Nossa sorte a encontrar. Não mais se hezite.
 Do erro o altar se prostre, ou finalmente
 Da virtude huma vez se extinga o nome.

Fim do Acto III.

ACTO IV.

SCENA I.

Salla imperial de Ataliba.

O dito, e Las casas.

ATALIBA.

Vem generoso amigo, impaciente
A chamar-te enviei; de teos conselhos,
De teu util saber, nunca Ataliba
Em urgencias fataes precizou tanto.

Do destino das armas, do progresso,
Ou firmeza do imperio hoje não cuido.
De importancia maior revolve objectos.
Interesses do Ceo me absorvem todo.
Saber quero a verdade; em ti confio,
Sei a tua franqueza; a minha sabes.

Dize-me pois, se hum Deus, que a natureza
Proclama inteira, e que os mortaes pregoão,
Nosso culto requer, se os sacrificios,
Que este culto prescreve, o Ceo attende,
Se escuta a mente etérna humanos votos.
Da certeza, que busco, a luz me ostenta,
Rasga o veó, que ma esconde, e se he possivel,
Dissipa-me as crueis perplexidades,
Que a minha docil piedade assustão.

LAS CASAS.

Oh Inca, oh nobre amigo dos humanos,
Amigo de Las Casas, que honras tanto.
Eu te ouvi com prazer. Por tua boca
A exactidão fallou, e a ingenuidade.
Com a mesma igualmente heide fallar-te.
Nada encerra minha alma, que te esconda.

Sim, dos mortaes o grito hum Deus pregoa.
Proclamado apparece em toda a terra.

Mas esse Deus, que observas, que figuras,
 Bramindo no trovão, nas tempestades,
 Nos abalos do chão gemendo horrivel,
 No relampago accezo, á luz patente,
 Expresso em fim na voz da natureza,
 Permanente não he, é invariavel;
 Antes sempre inconstante, incerto sempre,
 Humas vezes amigo, outras tirano,
 Muda nas estações, differe em climas;
 E dá logo motivo ás varias fórmas
 Cruéis, extravagantes, caprichozas,
 Que incerta lhe attribue a mente humana.

Não, Ataliba, o Deus, que eu reconheço,
 Principio da razão, da intelligencia,
 Sempre o mesmo, em seu ser sempre uniforme,
 Totalmente he distincto do universo,
 Onde contrarios elementos luctão,
 Que produzem do mundo a variedade.
 Ah! natureza, e Deus não confundamos.
 Ella não he o orgão seu bastante,
 He mal a sua acção sobre o que vive.
 Busca-lo pois convem, não no que vemos,
 No mundo exterior, mas em nós mesmos,
 Dentro dos corações, onde o sentimos.
 Dentro dos corações, sim, nos poz elle
 Os principios do justo irrefragaveis;
 Deu-nos a consciencia, e dentro d'ella,
 Hum juizo exercendo imperturbavel,
 Absolve mesmo alli e alli condemna.

Trahindo em seu remorso este principio,
 Se desmente a impiedade, que o regeita.
 Daqui ja podes ver, que hum culto extranho
 Que as vagas propensões da natureza
 Não podem só bastar, que a divindade
 Outro culto não quer, mais que a homenagem
 De hum coração sincero, e verdadeiro,
 Que d'elle unicamente escuta os votos.

Piedoço pranto dado ao pranto alheio,
 Da propria offensa dor, perdão da extranha,
 Lucta contra illuzões, que o crime doirão,
 Esforço, e só esforço a bem da especie,
 São para o Ceo mais gratos sacrificios,
 Que victimas, que offrendas. — Eis o culto,

Eis o templo melhor, que erguer-lhe pôde
Leal, e agradecida a humanidade.

ATALIBA.

Do que acabás de expor-me a força sinto,
Reconheço o valor desses principios.
Folgo d'ouvir, que hum Deus, e hum Deus que serves,
De hum culto razoavel só se agrada,
Porém se outro qualquer bastar não pôde,
Se regeita o da mesma natureza,
Porque dado nos foi o instincto inutil
De adorar no universo a imagem sua?
Adora-lo sómente então bastára
Dentro da consciencia, onde se exprime.

LAS CASAS.

O homem, que por leis, que se não mudão,
Leis do seu creador, da sua essencia,
Livre nasceo; da sua origem trouxe
O germe da virtude; apagar podem
Este germe comtudo as paixões suas,
Quando em fero conflicto ellas bravejão.
Por isso he necessario despertar-lhe
Da divindade o sentimento interno,
Dar-lhe um culto exterior, que he sempre inutil;
Quando ao seu interior não corresponde,
He preciso tãobem, que elle combata
As suas propenções, e os seus prestigios.
Sem meio a tentações, sem meio a crimes,
Que merito teria então virtude?
Nada superfluo tu no homem creas,
Tudo quanto lhe coube ao seu fim tende.

ATALIBA.

Pois bem, não posso oppor-me a taes dictames.
Aos olhos da razão justos parecem.
Mas se o homem descahe tão facilmente
D'esse principio interno de virtude;
Se a illudir-se, a cahir, e a despenhar-se
Natureza, paixões, tudo o convida,

Quem, quem hade suste-lo, e dirigi-lo,
Cego, izolado, e só, para a verdade?

LAS CASAS.

A verdade; Ataliba, que se esconde
No tropel das paixões, ver bem se deixa
Do sincero mortal, que attento a busca
Dentro do coração; que elle se attenda
Sua voz claramente hade explicar-se.
Oh Inca, a reflexão sobre nós mesmos
He o primeiro grao da Sapiencia,
Que nos guia á verdade. Em vão se escuza
De reflectir a Inercia — ao sentimento.
São francos totalmente os seos caminhos.
Se o pharol da razão não brilha sempre,
Accuzar não se deve a natureza.
D'ella a culpa não he; quem da verdade,
Ouza faltar á voz, falta a si mesmo,
Calumnia a razão, e o Ceo desmente.

ATALIBA.

Sim, minha alma perplexa assegurarão
As tuas expressões, tu me illuminas,
Por ti hoje a razão mais clara vejo.
A verdade em seu lustre me aparece;
Teos labios sem rebuço a produzirão
Já não posso enganar-me. Hum Deos conheço.
He da sua existencia o melhor orgão
Meu proprio coração, nelle a verdade
Tem o seu testemunho; elle me grita,
Que a hum Deos devendo hum ser, lhe devo hum culto,
Que sendo eu seu fiscal, manter-lho devo.
Revocar nada póde as leis sagradas,
Os decretos do Ceo, quando elle ordena,
Toda a duvida cessa. Eis os principios,
Que aclarado me tens, principios puros
De huma religião, que crer me fazes.
Pois bem, d'elles guiado a cumprir corro
Os meos deveres; rigida justiça
O Ceo me pede, vou satisfaze-lo.

LAS CASAS.

Os teos deveres? rigida justiça
Te pede o Ceo? De que justiça fallas?

ATALIBA.

Cora, virgem do Sol quebrando os votos
Da pureza claustral, commette hum crime,
Que o seu culto condemna. Morrer deve,
Eu devo deste culto em dezempenho,
Executor da lei, fazer cumpri-la.
Corro a appressar o infausto sacrificio,
Que dolorozo assás era á minha alma,
Mas que hum santo dever preciso torna.

LAS CASAS.

Ah! que dizes? Senhor, suspende os passos,
Que mal interpretaste as minhas vozes!
Como de hum Deos immenso, incomprehensivel,
De que traços só tens, designios sabes!
Credulo orgulho! mizera cegueira!
Senhor, modera esse fervor anciozo,
Com que do Ceo a cauza te arrebatava.
Delirante piedade, insano zelo,
Ultrajão mais os Ceos do que a blasphemia
Do philosopho incerto, que fluctua
Sobre incognitas leis, que o mundo regem.
Tolerancia, Senhor, só tolerancia,
A socia da razão, do mundo amiga,
He culto grato ao Ceo, que o sangue odeia:
Como pódes tu crer, que o ser benigno,
Que a existencia nos deu, e o gozo d'ella,
Seja hum Deos de rancor, de sangue avaro?
Ah não aviltas, não seos attributos,
Imputando-lhes os erros, e as fraquezas
Dos mizeros mortaes, nem vingar cuides
Do Ceo a cauza, quando a tua vingas.
Tu queres elevár-te á Eternidade,
E marchas sobre a morte? Crê-me, oh Inca;
O sangue derramar de huma donzela,
Só porque fraca foi, porque não soube,

Hum voto sustentar, que as mais das vezes,
 Da indiscrição rezulta, ou da violencia,
 Só de brutalidade indigna pôde
 Ser barbaro dictame. — Ah sim, tua alma,
 He capaz da verdade. Expulsa, extingue,
 De hum culto monstrozo as vans chimeras,
 Aos corações a liberdade torna,
 Torna o que foi roubado á natureza,
 O direito a gozar, que aos entes dera.
 Futeis promessas, temerarios votos,
 Regeita sempre o Ceo, que os quer só puros,
 Que não pune as fraquezas de hum momento,
 Com perpetuo castigo. — E tu mais justo,
 Quando o Ceo he piedoso, hes tu severo?
 Ah! calca do erro as suggestões nefandas,
 Quebra os torpes grilhões, que a mente algemão.
 Eis-te elevado ao cume do infinito,
 Da humana especie tens nas mãos a sorte,
 Pódes lança-la n'hum perpetuo cahos,
 Ou eleva-la aos Ceos. Vacillar pódes?

ATALIBA:

Não, não vacillo; os vergonhozos laços,
 Estalem do erro; cesse inteiramente,
 Se athé qui me enganei, meu cego engano.
 Entre o bem dos mortaes, e a sua perda,
 Não fluctua Ataliba. O bem só quero,
 Esse dos votos meos foi sempre o norte,
 Nunca sem frio horror vi correr sangue.
 Meu prazer era sempre o gozo alheio,
 O meu idolo a paz. Ceos! vós trahistes
 Os votos meos; e as minhas esperanças,
 Vi subito cahir, e evaporar-se
 Do gelido terror nas mãos inertes.
 Mas Las Casas me anima, e me esclarece,
 Ja não temo affrontar de escravos erros
 O barbaro tropel. De hoje em diante,
 Ser-me-ha culto a razão, nume a verdade.
 Sim, firme esteio nos dezastres nossos,
 Nas perdas valedor, no risco amigo,
 Tu só pódes guiar-me ao bem, que anseio.
 Faze, que deste povo e de Ataliba;

Por ti, por teu saber correndo á gloria,
 Com pasmo, e admiração falle o Universo,
 Todo me entrego a ti. Vai, busca Alonzo,
 O que acabas de ouvir-me, lhe anuncia.
 Sei prestar-me á razão, quando me falla.
 Fez-me rei o destino, e não tyrano;
 Se na Europa o reinar orgulho infunde,
 Meu clima, minhas leis o inverso inspirão.

LAS CASAS.

Oh Ataliba, oh rei dos reis modello,
 Com que assombro te escuto! Ah sim, eu corro
 Ao amigo fiel, nuncio gostoso
 De teos doces sublimes sentimentos,
 De excessivo prazer vou transporta-lo.
 Como eu por tua cauza se intereça,
 Como eu preza tambem tuas virtudes.
 Não cesso de admirar-te. Em ti sómente,
 Thégora o homem vi da natureza,
 Hoje em ti vejo o heroe, que a razão guia,
 Que por ella vai ser do mundo assombro. (*Vai-se*).

SCENA II.

ATALIBA SÓ.

Grão Las Casas! Alonzo! oh de amizade,
 Oh de virtude exemplos raros! Quanto
 Devo ao vosso valor! Por vós mudada,
 Foi deste imperio a vacillante sorte,
 E vai por vós mudar-se a minha crença.
 Mudar-se? E assim respeito os patrios Deuzes?
 Assim me curyo ás leis, que o ser me derão?
 Ah sou eu Ataliba? Em quem confio?
 Que extranha confuzão! Dous estrangeiros —
 Não. Ingrato não sou. Derão-me a vida.
 Quem o Ceo enviou para guardar-me,
 Não me póde trahir — mas que presença,
 Vem minha alma assustar!

SCENA III.

Pontifice e o dito.

PONTIFICE.

Preclaro filho,
Do Sol, do imperio venerando chefe,
Do nosso templo, e nosso culto apoio.
Que demora retarda aqui teos passos?
Que cauza te detem? Do sacrificio
Promptos estão os lugubres aprestes,
A victima está prompta. Nada falta.
Só por tua prezença he que se espera,
Para atear-se a esplendida fogueira,
Cuja chama propicia extinguir deve
Da victima execranda o torpe sangue,
Preciza offrenda ás vingadoras aras.

ATALIBA.

Soberano Pontifice, hum momento,
Permitte ao coração, permite á idea,
Que te observe em socego, que das aras,
Tão fero proceder, rigor tão duro,
A' sublime razão se não conforma.
A hum Deus de paz, clemente, a hum Deus benigno,
Como póde agradar carnagem, sangue?
Quem tem por seu dominio a eternidade,
A seu arbitrio quem dirige os mundos,
Que precizão ter póde de vingar-se
Dos momentaneos erros, da miseria,
De hum ser tão debil, passageiro, e ignaro?
Ah! da fraqueza as culpas perdoemos,
De hum Deus se imite a placida clemencia,
Cora só fraca foi, Cora se absolva.

PONTIFICE.

Oh! Ceos! Que escuto! Que blasphemia horrenda
Nos ouvidos me troa! Eu durmo ou velo?

Ataliba he quem falla? — Ah de horror tremo!
 Ataliba do culto, e dos altares
 O proprio defensor he quem se atreve,
 Ao respeito faltar, que exige o templo?
 A justiça attacar de hum Deus terrivel,
 Que nunca deixa sem castigo o crime?
 E de que atrás piedade jactancioso,
 Do Ceo, que pune, o proceder reprovos?
 Ah sem receio de eminente estrago,
 Ouzas tu blasphemar? Não, tu deliras.

ATALIBA.

Não, sagrado ministro, eu não blasphemo,
 A justiça de hum Deus, que os crimes pune,
 Não pretendo attacar; mas instruido,
 De outro saber, de mais brilhantes luzes,
 De hum Deus, que pintas sempre inexoravel,
 Despiedoso, e cruel, fiz outra idea.
 Sim, delictos punir justiça creio,
 Mas delictos não são fraquezas, erros.
 E a justiça de hum Deus, que não distingue
 Da maldade a fraqueza, incompativel,
 He c'o meu coração, que ama ser justo.
 Perdoa, se me engano; estes dictames,
 São comtudo á razão sem custo aceitos,
 Gratos á humanidade; e sobre tudo,
 De Las Casas, e Alonzo ao Deus conformes.

PONTIFICE.

Que proferes? Que horrores me anuncias?
 Que? De Las Casas, e de Alonzo escravo,
 Ja desprezas teu Deos, e o seu preferes?
 Só porque mais, que o nosso, estende o raio?
 Ceos! É que negras tramas, que artificios,
 Corromperão tua alma! oh crime! oh mancha
 De eterna confuzão! Dous embusteiros,
 Que a ambição trouxe aqui para perder-nos,
 Ataliba arrancarão de seu culto,
 De seu templo, e seu Deus.—De horror me assombro.
 Ja não hes Ataliba, o santo herdeiro,
 Das virtudes do Ceo, que a ti baixarão.

Blasphemo atrós, aposthata insolente,
 Sim, sobre a tua criminosa fronte,
 Tua condemnação ja vejo impressa.
 Vai, vai longe de nós, comtigo leva,
 Pragmas, e maldições, vai onde acabes
 Em odio aos Ceos, á natureza monstro. (*Volta-lhe as*
Oh sombra de Zorai, suspende o pranto, costas).
 Que por hum pae derramas. Ataliba,
 Não, ja não he teu pae. Deixou seos Deoses.
 Outro culto, outra crença a nós o arranca.
 Tuas expiações perdidas forão.
 Em vão choras: em vão triste lhe acenas;
 A teos braços o esconde abismo eterno.
 Cessa de suspirar; que eu vou ja prestes
 Perante o Sanctuario apresentar-me,
 A colera do Deus, que ali prezide,
 Invocar, conseguir vingança ou morte.

ATALIBA.

Ah suspende, ministro — halucinei-me,
 Perdoa, sim perdoa o louco excesso,
 Da minha indiscrição. Cahir não faças
 Sobre a minha cabeça o raio ardente,
 Da tua maldição. Dos patrios Deoses,
 De hum filho, e de mim mesmo, ah não me arranques!
 Se sou reo; eis-me curvo a teos joelhos,
 Prompto a perder o sangue, a vida, tudo,
 Para aplacar o Deus, que aqui governa.
 Venerando ministro dos altares,
 Se este Deus, que offendi involuntario,
 Inflexivel não he. Tu de Ataliba,
 Com elle o coração reconcilia.

PONTIFICE.

Pois bem. Alenta hum pouco as esperanças,
 Huma vez este Deus tambem perdoa.
 Elle offendido está, porem tu presta,
 Nas minhas mãos de novo hum juramento,
 De nunca mais oppor-te á voz das aras,
 E com profunda, e cega obediencia,
 Do Ceo, do sacerdote ás leis curvar-te.

ATALIBA.

Assim o juro, assim heide cumpri-lo,

PONTIFICE.

Pódes erguer-te. Estás santificado,
 Renasceste. Outra vez vejo Ataliba.
 Mas para prevenir-te huma fraqueza,
 Que só piedade frivola te excita,
 Quero do Ceo mostrar-te o sabio plano,
 A' maior parte dos mortaes occulto.

Olha esta natureza, que nos cria,
 Devorar n'hum momento immensos seres,
 Nas guerras, nos vulcões, incendios, peste.
 Olha no espaço immenso interminavel,
 O vazio, que vai de orbe athé orbe.
 Cres então menos sabia a economia,
 Quando governa em pouco, ou muda tudo?
 Ah crê, que a perfeição, que he do Ceo plano,
 Na multidão não jaz, mas na excellencia,
 Da especie, a quem compete a primazia.
 Assim para exaltar-nos sobre a terra,
 A humanidade, e não os homens fita.
 Deve sempre seu numero apoucar-se,
 Se acazo a perfeição buscar-se tenta,
 Eis o plano dos Ceos. Corre a cumpri-lo,
 Corre, voa a apressar hum sacrificio,
 Que quanto aos corações for mais custoso,
 Será por isso aos Ceos tanto mais grato.

ATALIBA.

Sim ja corro; de hum jubilo celeste
 Me transporta o cumpri do Ceo as ordens. (*Vai-se*).

PONTIFICE.

Vai, segue a voz fiel, que te encaminha.
 Se o altar não troa, o sacerdocio he nada. (*Vai-se*).

SCENA IV.

*Vista interior do Templo.**Alonzo de hum lado do theatro, e Cora do outro se apercebem, parão, e depois de hum momento de hesitação correm a abraçar-se.*

ALONZO.

Ceos! he ella —

CORA.

Que vejo? — Alonzo!

ALONZO.

Cora!

CORA.

Hes tu que os braços meos de novo apertão?
 Ou me illude algum sonho? — Oh suspirado,
 Gostoso objecto de saudade e pranto,
 Que Numen bem fazejo, ou que prodigio
 Tornou a dar-te a Cora? — Ouvir podeste
 Meos ais acazo, ou meu cruel destino?
 Oh quanto eu sou ditosa, se a meos males
 Huma lagrima só tem dado Alonzo!
 Ver-te e amar-te fez toda a minha gloria,
 Ser tua ou não viver só me cumpria,
 Contente eu felicito a minha sorte,
 Quando me arranca o ser, se a ti me arranca.
 Sim, viver sem Alonzo era impossivel
 A'quella, que te adora — ah se o perder-te
 He ja do Ceo decreto irrefragavel,
 Mais nada lhe restando no Universo,
 Alegre de acabar, vai morrer Cora.

ALONZO.

Morrer Cora? — oh tormento insuportavel!
 Oh desesperação não me aniquiles!
 Morrer Cora, e eu com vida? — ah! não, primeiro

Alonzo, e a natureza hão-de extinguir-se!
 Mas que digo? — Morrer, sim deve Cora,
 Unida ao terno Alonzo, entre as delicias,
 Nos extazes do amor mais relevantes,
 Sim, morrer nesse instante ambos devemos,
 Em que o nectar dos Ceos sorvendo absortos,
 Huma alma unicamente, e hum ser formar-mos.
 E depois resurgindo em novas glorias,
 No seio do infinito assim ligados,
 Lacteas vias correndo, ou turvo abysmo,
 Hum perenal deleite ambos gozemos.
 Jaz, onde estiver Cora, o Ceo de Alonzo,
 Eis a morte, meu bem, que nos pertence,
 D'outra não sei lembrar-me.

CORA.

Oh caro Alonzo,
 Doce emprego desta alma, unico objecto
 Da minha gloria, e minhas esperanças,
 Por ti, por teu amor, pude hum momento
 A grandeza sentir da minha dita,
 E sinto agora mesmo entre os transportes
 Desses celestes bens, que me figuras,
 Dezuzado prazer — mas hum destino
 Bem diverso deve hoje separar-nos.
 Outrora de teos braços trouxe a imagem
 Desses bens, que a durar me enlouquecerão,
 E hoje ao deixar teu seio, unico asilo,
 Que tenho no Universo, em mudas cinzas
 Vão subito tornar-se estes prazeres,
 Vai, oh lembrança atrás! nas lavaredas,
 Em turbilhões de fumo, entre os horrores
 Do vil opprobrio, onde me espera a morte,
 De ti, de meu amor perder-se a idea.
 Ai de mim! Este amor, que aos Ceos foi grato,
 Com que soube encantar-me a natureza,
 He odio dos mortaes; leis dezabridas
 Condemnãõ este amor; e he necessario,
 Para roubar-me Alonzo, extinguir Cora.

ALONZO.

Que dizes? Que poder barbaro iniquo,

Que dezabridas leis podem roubar-me
 O thesouro melhor, que os Ceos me derão,
 Teu terno coração? Porque violencia,
 Fanatica sedenta austeridade
 Contra nós conspirando hoje pretende
 De nosso puro amor fazer hum crime,
 Punir-te, e me trahir? Pois bem; meu braço
 Castigar tambem sabe, e abater monstros.
 A vence-los ha muito o afez a gloria,
 E hoje amor redobrando os meos esforços,
 Hade dar de ousadia hum novo exemplo.
 Cora tu foste minha des do instante
 Que vi nos olhos teos brilhar tua alma.
 Os nossos corações, que então se unirão,
 De ajustes, convenções não precisarão.
 Por lei constante, lei, que abrange tudo,
 Confirmou este laço a natureza,
 Que força pôde haver, que o despedace?
 Ah! não. Ainda que a par dos seos horrores
 Surgisse todo o inferno a destrui-lo,
 E as suas furias empenhasse todas,
 Cora seria salva. Aos elementos
 Accendidos em guerra, á natureza
 Agonizante, mesmo aos Ceos irados
 Havia disputar-te. — Eu não supporto
 A idea de perder-te inda mais rude,
 Inda mais horrorosa, que a do crime.
 Ai de Alonzo! ai de Alonzo! se aos teos dias
 Elle for necessario. — Oh Ceos! thé onde
 Me arrastaria o excesso da vingança?
 Que sangue, que furor, que incendios, mortes!
 Que luctuoso, horrifico deserto!
 Porem de imagens vans porque me assombro?
 Tu, Cora, anjo de amor, meu seio alentas,
 Cora eu te vejo; o inferno se aniquila.

CORA.

Senhor, tão nobre esforço, essa coragem,
 Que empregado só tens pela virtude,
 Para que he malograr, expondo a vida,
 Só por salvar huma existencia inutil.
 Tanto os meos infortunios não merecem,

Se pois culpada sou, se morrer devo,
 Não queiras offuscar a tua gloria,
 Defendendo meos dias. Tu preclaro,
 Tu generoso apoio da innocencia,
 Para empreza melhor teu valor guarda.
 Se ainda tens que arriscar, se expor-te queres
 Do destino ao furor, lembre-te a vida
 De hum mizero innocente, que não sabe,
 Que Alonzo o ser lhe deu, que alenta Cora,
 Neste seio, ai de mim! Que entorpecer-lhe,
 Vai o sopro da morte — neste seio,
 Onde reinavas—que era teu—e expira. *(Cabe nos braços de Alonzo.)*

ALONZO.

Ceos! Que sinto? Oh-terror! oh dezalento!
 Natureza, que es mae, não me abandones.
 Cora, extremosa Cora — ah sim, reanima
 O teu perdido alento, as esperanças —
 Inda respira Alonzo — inda a teu lado
 Está prompto a affrontar incendios, mortes,
 Ruinas, submerções. — Sim, destes labios
 Hum osculo sómente empenharia
 Celestes legiões a defender-te,
 E hum mortal, que por elle a numen sóbe,
 Quanto affrontar não ouza? — ah não! não creias,
 Que a humanidade tenha mais direitos,
 Tenha mais jus que amor — mas tu culpada?
 Porque extranha illuzão podes tu cre-lo?
 Ah! primeiro, que as leis que te condemnão,
 Outras, e mais sagradas existirão,
 As leis da natureza, que te absolvem,
 Que te mandão amar. — Que são á vista
 Dessas constantes leis, que o mundo regem,
 As leis dos homens? Nada mais que hum echo
 De surdas vozes, que no ar se perdem.
 Sim, tu es pura como a luz dos astros,
 Crimes não gera amor, gera virtudes.
 Troveje embora o fanatismo irado,
 Ameaças, traições, calumnias teça,
 Nosso constante amor, nossa fé pura,
 Hão-de torna-lo mudo, ou confundi-lo.
 Eis-me aqui de teu lado inseparavel,

Existir ou morrer devemos juntos.

SCENA V.

Os ditos, e Amazile.

AMAZILE.

Senhor, tua clemencia implorar venho,
 O Ceo, e o teu auxilio, he quem nos resta.
 Se nos queres salvar, não tardes, voa,
 A ruina de Cora se avizinha.
 Por ordem de Ataliba inda hoje mesmo
 Dos dias seos o sacrificio horrendo,
 Com medonho apparatus, ha-de findar-se.
 Eu vi posto que em lagrimas banhado,
 O monarca preplexo, e duvidoso,
 Dar esta cruel ordem; mas cedendo,
 A's vozes, e terriveis ameaços
 Do cruel sacerdote, e reprimindo,
 O seu bom coração, jurar cumpri-la.
 O momento não tarda. — Ah nossa perda
 Muito proxima está. — Senhor, podeste
 Este povo salvar, que te era extranho,
 E Cora porque te ama, porque he tua,
 Sem remedio será sacrificada?
 Infeliz Cora, mizera Amazile!

ALONZO.

Não, não será. — Do horrído decreto,
 Hei-de o rigor frustrar. — Fero Ataliba!
 Barbaro, ingrato! E consentir podeste
 Em tão negro designio? — oh golpe acerbo!
 Excedo no tormento aos condemnados,
 Aos demonios na raiva. — Mas eu vivo,
 Sim, inda vivo, e sinto a par de Cora
 Valor para affrontar todo o Universo.
 Embora a combater-me, embora tragas,
 Infame sacerdote, o tropel todo
 Das tuas maldições. — Que em vão condemnas,

Depressa convencer-te-hão-de os meos golpes.

Que? vil algoz da candida innocencia,
 Pertendias d'esta arte assassinar-me,
 E impunido ficar? Não. Ja do averno
 Vejo erguer-se os dragões sangui-sedentos,
 Em que galopão da vingança as furias.
 Eilas chegão. — Seos gritos me provocão —
 E das suas serpentes chamejantes
 Enleando o meu braço á mortandade
 Me incitão. — Sim eu corro, eu ja vos sigo,
 Filhas da noite eterna — ah conduzi-me,
 Guiai-me onde se occulta o fero monstro.
 Hei-de das mesmas aras arranca-lo,
 Com este ferro traspassar-lhe o seio,
 Cortar-lhe o coração, e aos pés calcar-lho —
 Deixai-me livre o passo.

CORA. (*Deitando-se a seos pés*).

Oh não, primeiro,
 Deve esse ferro traspassar meu seio,
 Senhor, Cora a teos pés supplica a morte,
 Se sangue hoje te apraz, mas não vingança.
 Por ti, por tuas mãos contente eu morro.
 Mas não posso soffrer, que a minha vida
 Custe hum crime a teu braço — antes que o veja,
 Corta, corta meos dias; não permittas,
 Que em minha alma primeiro se aniquile
 A idea da virtude, que a de Alonzo.
 Alonzo, e crime ah não! não se combinão.
 E se Cora hoje póde associa-los,
 Cora he monstro ferós, que extinguir debes,
 Aqui me tens, Senhor, das plantas tuas,
 Não sahirei com vida, ou criminosa.

ALONZO.

Sahirás triumphante. — Oh doce amada,
 Torna, torna a meu seio: a vez primeira,
 Que n'elle te apertei, tive em meos braços
 O pezo da innocencia, e da ventura.
 E deve o mesmo pezo hoje agravar-me?
 Não, a innocencia não inspira crimes.

Perdoa, Cora, os vividos transportes
 De hum furor expirante — elle nascia
 Do zelo desculpavel de salvar-te,
 De salvar a virtude perseguida,
 De punir aggressões contra a innocencia.
 Mas tu o queres; prompto me resigno —
 Comtigo deixarei o mundo, e os crimes,
 Morada só de horror sem ti me fôra.
 Tenho affrontado a morte, e sei vence-la.
 O tormento, o furor das lavaredas,
 Seja qual for meu fim; nada me assusta,
 Huma vez que te perco, perco tudo.
 Não maldirei, comtudo, a minha sorte,
 Se vivendo sem ti, morrer comtigo.

CORA.

Senhor, se to merece assim meu pranto,
 Vive, eu to rogo; e mesmo se he possivel,
 Cuida em justificar-me. Eis minha gloria.
 Meios para faze-lo inda te restão,
 Ataliba te estima; e deste povo,
 Que defender, que libertar pudeste,
 Tens o amor, tens a plena confiança.
 Se me queres servir, busca illustra-lo,
 Em meu abono os seos suffragios busca.
 Corre a Ataliba; ao povo te apresenta,
 Se tu lhe fallas, minha triste sorte
 Será menos cruel.

ALONZO

Sim, Cora, eu parto,
 Eu corro a preceder-te em teu destino.
 Mas crê neste momento de horror cheio,
 Que a ser outro meu fado eu não partira.

CORA.

Vai, auxilie o Ceo tão puros votos.

Fim do acto IV.

ACTO V.

SCENA I.

Salla imperial de Ataliba.

ATALIBA só.

Dever! oh lei sagrada, lei terrivel!
 Que austera he tua voz! Quando tu fallas,
 O grito das paixões suspender mandas,
 Mandas a natureza aniquilar-se.

Soberano inflexivel, que á vontade,
 Ao coração o jus, e as leis quebrando,
 Pões só na obediencia a teos preceitos
 A gloria dos mortaes. — Funesta gloria!
 Infausta preheminencia! Que delicias,
 Que suaves prazeres não pervertes!
 Por ti o sceptro he fardo insoportavel.
 Mas tu mandas; e firme em teos decretos,
 Semelhante á razão mudar não sabes,
 Cumpre pois submeter-se. Oh quanto he duro,
 Sensivel ser, e á tua voz curvar-se!

SCENA II.

Pontifice, e o dito.

PONTIFICE.

Inca, perdidos somos, se hum momento,
 Se espera mais: a victima ja marcha
 Ao lugar do supplicio. Ha todavia,
 Quem pertenda estorvar-lhe o passo á morte.
 Fui de espias secretas avizado,
 Que Alonzo sedições no povo espalha;
 Visto athé dentro foi do templo augusto.
 He precizo enfrear subitamente

Do sacrilego a audacia, e castiga-la.
 Perturbar não se deixe hum sacrificio,
 Que o surrizo do Ceo vai procurar-nos.
 Vamos, Senhor, o povo nos espera,
 Não se tarde hum momento.

ATALIBA.

Inda hum momento
 Deixa o meu coração tranquilizar-se.
 Sei que he devida aos Ceos a obediencia,
 Mas nunca custou tanto obedecer-lhe.
 De Alonzo ao nome estremecer me sinto,
 Vozes de gratidão meu seio abalão,
 D'ágonizante humanidade o grito
 Faz meu sangue gelar.

PONTIFICE.

Que escuto? oh Deoses!
 Ataliba outra vez perplexo hezita?
 Ja do teu juramento te esqueceste?
 Ja te não lembras, que do Sol es filho,
 Que es do throno, e do altar pelos Ceos mesmo.
 Eleito defensor? Pois como á sombra
 De huma futil chimera horrorizado,
 Mostras fraqueza tanta? outras virtudes
 Deve hum Monarcha ter, mas não piedade.
 Punir, não perdoar cumpre á justiça,
 E quem sem ella reina o crime apoia,
 Não se defende a si, e ultraja os Numes.
 Sangue, que ao Ceo se nega, atrahe mais sangue.
 Teme, Senhor, que mais crueis castigos
 Fulmine irado o Ceo. Não mais vacilles,
 Vem.

ATALIBA.

Sim vamos. Oh Ceos! Alonzo! — Eu parto.
 (*Entrão*).

SCENA III.

Las Casas, e depois o Pontífice.

LAS CASAS.

Ataliba não vejo? Onde se esconde?
 Ceos! Que funesto agouro isto me indica?
 Sem duvida outra vez retrocedendo
 Pela estrada do erro, em que vacilla,
 Se esqueço da verdade. — Mas que vejo?
 O fero sacerdote. — oh quanto temo
 Verificadas ver minhas suspeitas.

PONTIFICE.

Que pretendes? Procuras de Ataliba
 Inda o seio turbar e a paz roubar-lhe?

LAS CASAS.

Quero fallar ao rei, precisa ouvir-me,
 Tras-me sómente aqui sua defeza.

PONTIFICE.

Enganas-te. Ataliba não precisa
 Do teu soccorro para defender-se,
 Tambem tem seos ministros, e os seos Deoses.

LAS CASAS.

São vãoos seos Deoses! Seos ministros cegos,
 Que soccorro hão dar-lhe? Hão de perde-lo,
 Se o braço, que athéqui poude salva-lo,
 Pertender regeitar.

PONTIFICE.

Que escuto? oh raiva!
 Audaz! E assim se trata o grande chefe,
 O supremo ministro dos altares!
 Insolente impostor, bém te conheço.

Teu insultante orgulho, essa arrogancia,
 Com que vens exprobrar-me os teos poderes,
 Não tem por fundamento mais que horrores,
 Crimes, desolações, incendios, mortes,
 Que teu Deus neste clima anunciarão,
 Mas nem tu, nem teos socios, que poderão
 Seu pavor infundir neste hemispherio,
 Conseguirão impor-me. O Deus, que eu sirvo,
 Para oppor ao teu Deus tambem tem raios,
 Trovões a seu commando, e terremotos.
 Quero mesmo soppor, que elle mais forte,
 Em destruir vos desse a primazia,
 Com que direito vindes de tão longe,
 Derrubar nosso imperio, e nossas aras?
 Quem a dar leis aqui vos authoriza!
 Nossos males, ou bens que vos importão.

LAS CASAS.

Não para dar-vos leis, mas soccorrer-vos,
 Nos trouxe de tão longe humano impulso.
 Direito ao nosso esforço, ás nossas lidas
 Tinha a vossa fraqueza, e não podia
 Deixar de vos servir nossa coragem.
 Mizeros soccorrer só cumpre a humanos.
 Mas tu, que cego, e ignaro calumnias
 Os puros sentimentos da minha alma,
 Que de baixo das cores sanguinosas
 D'esse Deus teu tyrano o meu contemplas,
 Julgas tu combater-me? — Eu te lastimo,
 Choro a tua cegueira. Ouve, insensato!
 Nossas religiões como differem.
 A tua de poder sómente avara,
 Truculenta, ferós, devastadora,
 Inimiga da mesma natureza,
 Calca a razão, e os justos Ceos avilta.
 A minha, que apertar só busca os laços
 Do mutuo amor, geral beneficencia,
 A injurias indulgente, ao perdão facil,
 Não se estriba em caducas prepotencias,
 E só de eternos bens fiço a grandeza.
 A tua precizando impor aos homens,
 Nem dos crimes, que faz, remorços sente.

É a minha, que á verdade unida existe,
 De si só dependendo a luz espalha.
 Vê agora qual d'ellas se auxilia
 D'esse Deus de terror, e de carnagem;
 Mas para que he gastar o tempo, e as vozes?
 Teu coração extranho á humanidade,
 No phrezezi da raiva, que o devora,
 Aos gritos da innocencia innaccessivel,
 Surdo á voz da razão ja se não muda,
 Mais cruel, mais ferós, que os tygres duros,
 Só se nutre de sangue, só de estragos.
 Sim, monstro de delirios, e de horrores,
 Conhece-te a ti mesmo. — Eu te detesto —
 Detesto altares que sustenta o crime,
 Detesto o sacerdote, que piedoso
 Busca em nome do Ceo derramar sangue. (*Vui-se*).

SCENA IV.

PONTIFICE só.

Inferno! Inferno! Oh fúrias tragadoras,
 Persegui o malvado. — Espera. — Eu corro,
 Sacrilego maldito, eu vou mostrar-te
 Como do Deus de luz o fogo abraza,
 Como o seu sacerdote os dezacatós,
 As aggressões do altar pune severo.
 Eia vamos, furor, meos passos guia,
 Das mais acerbas devorantes chamas,
 Se atee huma fogueira, que aos Ceos leve,
 Em cinzas inflamadas, cor do raio,
 O sangue atroz, as perfidas entranhas
 De todos os sacrilegos do mundo.

SCENA V.

*Vista de praça, templo ao longe, tablado no fundo
 para a execução, trono ao lado.
 Ataliba com sequito de gente, e tropas; depois o Pon-
 tifice, e mais sacerdotes. No meio d'elles Cora orna-
 da de flores, e Palmor.*

ATALIBA, (*Depois d'alguns momentos de reflexão*).

Ceos! Ella vem, a tão sereno aspecto
 Como pôde o delicto attribuir-se?
 Socega, coração, não te perturbes.

PONTIFICE.

Eis a victima, oh rei, que o Sol nos pede;
 De cujo sacrificio he responsavel
 Ao Deus de nossos paes, ao destes climas,
 Ao nosso Deus em fim, tu, e este povo.
 O seu culto o requer. Tu fiscal d'elle,
 E vós oh povos, que servis seu templo,
 Seu pontifice ouvi, que hoje os decretos
 Vos traz do numen, que por mim se explica.
 Cora as leis violou do pejo austero,
 O templo profanou, rompeu das aras
 O juramento, o voto indissolvel.
 Seu crime arrasta a morte, a lei que a pune,
 Pede todo o rigor; nós lho devemos.
 Este o primeiro exemplo, he necessario,
 Que fique assás lembrado entre as mais virgens.
 He pouco em cazos taes sempre o castigo,
 E a mais leve ommissão delicto he grave.
 Eia pois apressemos o momento,
 Que vai com o mesmo Ceo justificar-nos.
 Com o sangue da victima se applaque
 O Deus, que contra nós troveja irado;
 Por falta de castigo, e sacrificios,
 Vemos o nosso imperio ameaçado
 De hum extranho poder, que nos combate.
 Por falta de castigo, e de ver sangue
 Fumar em suas aras; foi o imperio,
 Do Mexico infeliz tornado em cinzas.
 Previna hum só castigo outros castigos,
 Ateie-se a fogueira. Inca, a ti cumpre
 Principio dar ao publico holocausto.

ATALIBA.

Pontifice do Sol, do Deus, que eu sirvo,

Doce me he sempre ouvir-te, e obedecer-te.
 Mas ouve o que te observa o teu monarca.
 Tu hes quem suas leis sabio interpreta,
 Mas eu sou quem as dicto. Eis minha herança.
 Tu dizes que applacar-se hum Deus se deve,
 Punindo-se o delicto, he justo, he justo.
 Mas para que he rigor tão desabrido,
 Castigo tão severo? Acazo folga
 A justiça dos áis, da dor, do pranto
 Dos mizeros culpados? Não lhe basta
 Extincto ver o crime, e o criminoso?
 Se o crime nasce da fraqueza nossa,
 Nunca pôde o terror gerar virtudes.
 Ministro dos altares, eu to rogo,
 Sede menos severo, huma vez poupa
 A mizera, gemente humanidade.

PONTIFICE.

Nada posso fazer do que me pedes.
 Hão-de cumprir-se á risca os meos deveres,
 Os ministros do altar não se retratão.
 São como os immortaes, mudança ignorão.
 Dos tormentos o aspecto, a voz do pranto
 Não dezarma a justiça; eu vou faze-la,
 Morra, morra a perversa, e vá nas chamas
 Seu sangue odioso, e vil todo extinguir-se.

CORA

Sim, ministro cruel, meu sangue extingue,
 Dilacera este seio; torna, torna
 Meu corpo todo em cinzas. Ceva n'elle
 O implacavel rancor, que te devora,
 Todo o pezo, se o queres, dos tormentos
 Sobre mim descarrega. Ver-me-has muda
 Nos horrores da morte, a pagar prompta
 Crimes, que são só meos. Mas se a justiça
 Do Ceo segundo o crime inflige a pena,
 Tu ministro do altar para que a excedes?
 Subtrahir-me eu não busco ao rigor duro
 Da lei, que me condemna. Morrer devo.
 Prehencha-se a justiça, eu corro á morte,

Não espero perdão. So graça imploro,
 Para quem não tem culpa. Ah sim piedade
 De hum pae te deva a mizera innocencia.
 Tem d'elle compaixão. — Que? recuzar-lha
 Pódes assim severo? Ah! reconheço
 Agora com quem fallo: eu me esquecia,
 Que eras do altar ministro, surdo aos gritos
 Da humanidade, á voz do pranto immovel,
 E que hum dom concedido ás mesmas feras,
 Hum seio paternal te era vedado.

« Oh tu, que tens de humano gesto, e peito, »
 Que mostras comover-te a alheio pranto,
 Sim tu, que es pae, que sabes quanto amarga
 He na perda de hum filho a dor paterna.
 Poupa ao triste Palmor, que inda he teu sangue,
 O flagelo cruel, peor que a morte,
 De ver sua filha mizera expirando,
 Nas garras da tortura. Ah não consintas,
 Que o coração paterno se apunhale
 Com golpes tão crueis.

ATALIBA.

Gelar me sinto,
 Feras seu pranto enternecer faria.

PONTIFICE.

O' lá cessem as vozes. Ao supplicio
 A victima se leve.

ATALIBA.

Não, primeiro,
 He justo permittir-lhe hum dezafoço.
 Falla, triste infeliz, eu te concedo
 O que pede o teu pranto. — E depois — morre.

CORA.

Senhor, pois que me he dado inda explicar-me,
 Antes da minha morte, aproveitando
 Instantes, que me dá vossa bondade,

O que sinto direi, não dissimulo,
 Ouve o que eu confessára agora mesmo,
 Diante do universo. Eu sou culpada,
 Não o nego; quebrei de hum jugo austero
 Os rigidos grilhões. Rebelde sempre
 A ferros, que das mãos de amor não vinhão,
 Meu coração predisse este infortunio.
 Comtudo sem de hum crime arrepende-me,
 Que minha gloria foi, delicias minhas,
 Não posso lastimar-me de huma morte,
 Que de origem tão bella houve principio,
 Que de almas como a tua excita o pranto.
 Mas sou culpada; cumpre que eu pereça,
 Satisfaça-se a lei, que assim decreta.
 Não me importa saber se he, ou não justa,
 Sei que nunca a senti dentro em meu seio,
 E o contrario aprendi da natureza.
 Por tanto huma desculpa a exigir tenho
 De toda a humanidade. — Eu sim fui fraca,
 Porem não vil; alenta-me esta idea,
 E de consolações me cobre a morte.
 Tu mesmo comprazendo a meos dezastres,
 Dás o exemplo de humano, e de sensivel.
 Em quanto pois he tempo, em quanto posso,
 A minha gratidão deixa exprimir-te.
 Senhor, consente que essa mão augusta,
 Pela ultima vez meos labios beijem.

- ATALIBA.

Ah mais não posso, o coração me estala.
(Dando-lhe a mão).

CORA. *(A Palmor).*

E tu mizero pae, que origem deste
 A' mais ingrata, e mais sensivel filha,
 Que por tua alma virtuosa, e forte,
 A minha regulaste, eis-te perdido —
 Foi tua confiança em mim frustrada;
 Tens da minha fraqueza o testemunho.
 Trahió tuas tenções, trahio meu voto,
 Meu proprio coração. — Senhor, perdoa,

Na natureza estava o meu destino,
 Eu devia morrer, tu lastimar-me.
 Mas comnosco Ataliba inda he piedoso,
 Neste instante de horror deixa apartar-nos,
 Adeos, parte meu pae, que eu corro á morte.

PALMOR.

Porque lhe dei o ser, pae desgraçado!

CORA.

(Vai apressada para a fogueira, pára de repente, e recua espavorida).

Que vejo! Que grilhão me prende os passos!
 Que mão de gelo o coração me aperta!
 Ceos! Que oceano de inflamadas ondas
 Corre feroz bramindo e me rodea?
 Rios de negro sangue a meos pés brotão!
 Quem me arrasta? Onde estou! Deoses! Que aspecto
 Desfigurado, e triste! — E aqui me segues?
 Como? E poude Ataliba abandonar-te?
 Mizero pae, ah! foge — mas que debil,
 Mimoso infante aquellas ondas força!
 Lá expira, ay de mim! Que horror me abisma!
 A meos olhos se esconde a natureza.
 Palmor, Alonzo eu marchó a reunir-vos,
 Da vida as turbações nos separação,
 A vós me entrega a morte. *(Cabe, e fica suspendida nos braços de Palmor).*

PONTIFICE.

Eia, soldados,
 A victima arrastai para o supplicio,
 Que começar-se deve.

Os soldados a arrancão dos braços de Palmor, que cabe por terra; lanção-lhe cadeas, e a lóvão. Alonzo sahe neste momento, e Las Casas.

ALONZO.

O' lá detende,
 Soldados! Suspendei-vos. Ataliba,
 Habitantes do Quito ouvi-me. Alonzo,
 He quem vos falla; Alonzo, o vosso amigo,
 O vosso defensor, e o da innocencia,
 Enganar-vos não venho. Bis-me aqui prompto,
 Por vós, pela verdade a dar a vida.

Que fazeis? Que furor vos hallucina?
 Qual erro vos seduz? Quem vos arrasta
 Ao funesto despenho, em que vos vejo?
 Como! Adoraes a luz, e a luz não vedes!
 Em que horrivel abismo ides lançar-vos?
 Vós que prezaes as leis da natureza,
 Que della o vosso ser, e os bens houvestes,
 Como podeis trahi-la, e ser-lhe ingratos?
 Que farieis então, se ella avarenta
 Seu seio vos feixasse, e os seos thesouros?
 Se com rúbida mão vibrando o raio,
 Crestando as plantas, extinguindo os fructos,
 Da vida aniquilasse os germes todos,
 E em ermo esteril vos tornasse a terra?
 Que farieis então, se esta may docil,
 A hum doce instincto vos negasse adversa
 No seio maternal fecundo alento,
 Unico esteio na fraqueza vossa.

Ah sede á natureza agradecidos,
 Que inda vos dá seos bens, que vos convida,
 Pela voz do prazer para a existencia.
 E sereis vós crueis, quando ella he meiga?
 Quando vida ella dá, dais vós a morte?
 Oh fera inconsequencia! E quem, quem poude
 Inspirar-vos a idea fraudulenta
 De servirdes o Ceo vertendo sangue?
 De suppordeis virtude onde erro existe;
 Onde da natureza as leis se invertem,
 A lei da creação primeira em tudo,
 E lei melhor, pois do prazer só nasce?
 Tudo quanto a destroe, destroe o mundo:
 E ser só póde perfido dictado
 D'ambição torpe, fanatismo insano.

Quem vos suspende pois? — Porque as cadeas

D'hum erro não quebrais, que vos avilta? —
 E tu, sensível rei, como permittes
 Huma lei tão contraria á natureza?
 Se inda hes homem; sim ouve a humanidade,
 Não dês assenso á voz do iniquo embuste,
 Que seos santos direitos calumnia.
 Lança, lança por terra o simulacro
 Que a hypocrisia erguera sobre as aras. —
 Oh, povos, que me ouvis, hum testemunho
 Vou dar-vos da verdade. Eis o momento
 De triumphar com voseo, ou de extinguir-me.
 Cora aqui tendes, Cora, que foi sempre
 Modello da constancia, e da ternura,
 Que attenta sempre á voz da natureza,
 Sobranceira ao poder d'hum vão capriço
 Seguio de vossas mãis o doce exemplo
 Que crimes cometeo? — Que vil blasphemo,
 Que sacrilego atroz condemnar póde
 Estes fecundos creadores peitos *(Descobre os peitos).*
 Que o Ceo abençoou, e o Ceo protege?
 Ah vede o plano seu gravado n'elles!
 Abertas vede da existencia as fontes,
 O azilo salutar da infancia debil! —
 Qual de vós, que sois filhos, que pendestes
 Ja de soccorro seu para ter vida
 Poderá dar-lhe a morte? — Ah! que appareça
 Esse monstro, esse horror da natureza
 Que a mate; mas primeiro extinga Alenzo.

PONTIFICE.

Sim eu a mato; aos golpes meos expira. *(Tira hum
 punhal hindo
 para ella.)*

ATALIBA.

Oh lá, suspende, barbaro; refreá
 Esse furor de sangue. — Ah! de ter sido
 Tão fraco me envergonho. Author nefando
 De viz calumnias, impio sacerdote
 Agora reconheço, que o teu zelo
 Nascia só de orgulho e do desprezo
 Do odio com que vês teos semelhantes.

Dos altares o santo ministerio
 Não fomenta rancor, busca extingui-lo.
 Melhor conhece os sacros teos deveres.
 E ja que altivo, e perfido abuzaste
 Da minha confiança — eu ta reclamo,
 Poderes que te dei torno a arrancar-te,
 Rasgou-se o veo da tua hypocrisia.
 Monstro! tu me horrorisas. Eu te odeia.
 Como teu rei, fazer-te vou justiça.
 Parte dos olhos meos. — Guardas, levai-o,
 Do supplicio, que urdiô, soffra o supplicio.

PONTIFICE.

Oh desesperação! oh raiva! oh morte! *(sahe entre os guardas.)*

ATALIBA.

Não está ainda tudo consumado.
 Pretendo agora completar o resto.
 Cora, eu derogo a lei, que te condemna;
 Cujó fero rigor detestei sempre —
 Sim absolvida estás — Cessa o prestigio
 D'hum absurdo, que tanto impoz á mente!
 A teos dezastres devo o dezabuzo.
 Foi sempre a adversidade a grande escola,
 Onde melhor se aprende a emendar erros. —
 Sim, povos. Largo tempo seduzidos
 D'humã doce apparencia, acreditamos
 Virtude ser a perfida renuncia
 Do conjugal estado indispensavel
 A' ventura do mundo; — hoje chamados
 Pela voz da razão, reconhecemos
 Melhor da natureza os são direitos. —
 Não póde o coração ser constringido,
 Sua essencia he ser livre — seja livre.
 Fique livre a qualquer desde este instante
 Dispor delle á vontade. — Annulló votos,
 Que discretos não são; e o livre arbitrio
 De juramentos vãoz dezencarrego,
 Cora, Alonzo, Las Casas, desculpai-me,
 Se hum pouco combati para vencer-me
 Desejava imitar vossas virtudes;

Mas sem vosso saber vossa coragem
Que podia eu fazer? — Tudo vos devo,
E athé a approvação, que he mais que tudo,
Do que acabo de obrar. — Por tanto espero
Que, se hum dia deixardes Ataliba,
Haveis de recordar-vos docemente
Que apezar de ser rei, sube ser homem,
Que attento ouvido dei sempre á verdade,
Que á razão submettendo o prejuizo
Fiz por terra cahir o altar do erro,
E cedi o triumpho á natureza.



OBRAS DRAMATICAS DO AUTHOR

AINDA NÃO PUBLICADAS ,

*Promptas para o Prelo , e adaptadas á declamação
theatral Portugueza.*

Rainha de Corintho. — *Drama em 5 actos.*

Morte de Cesar. — *Drama imitado de Shakespear ,
em 5 actos.*

Tomada de Lisboa por Affonso Henriques. — *Melo-
drama em 2 actos.*

Traducções do Francez.

Andromacha . . . } *De Racine.*
Phedra }

Electra — *De Crebillon.*

Traducções do Allemão.

Os Bandidos . . . } *De Schiller.*
Intriga , e amor }



